



Sorria

DENTES BONITOS VÃO ALÉM DA ESTÉTICA. O SORRISO BONITO PASSA TAMBÉM PELA SAÚDE, AUTOESTIMA, RELAÇÕES PESSOAIS E PROFISSIONAIS. CONVERSAMOS COM O ODONTÓLOGO EIDER LIMA SOBRE PARTICULARIDADES QUE IMPORTAM



O casarão

Nos tempos áureos, vividos pela

família Pedroza Magalhães, o casarão recebeu autoridades políticas e militares, estrelas da MPB e o cartunista Henfil durante a ditadura



Incrível lugar

Conhece Carnaúba dos Dantas? Viaje

por esse lugar no RN que tem de sítios arqueológicos a cachoeira, de Via-Sacra à valsa que fez sucesso em Paris

A sua próxima
compra online
pode ser mais
prática e segura.





Com o **Cartão Sicredi Virtual**, você tem um modo ainda mais prático e seguro de fazer suas compras na internet, em aplicativos ou em serviços online. Tanto em transações únicas, como naquelas recorrentes, de assinatura, que são cobradas todos os meses.

Para ter o seu cartão virtual é muito fácil:

- > Acesse o seu aplicativo Sicredi.
- > Toque em Cartões.
- > Selecione Cartão Virtual.
- > Confirme a criação do seu cartão e aguarde a autenticação de segurança.

Pronto, agora você já pode usar nas suas compras online. Ele é exclusivo para compras online e protege seus dados de uso indevido.

**Acesse seu app e habilite já o seu.
Maiores informações no site:**

www.sicredi.com.br/coop/cartao-sicredi-virtual



SAC Sicredi: 0800 724 7720

Deficientes auditivos ou de Fala: 8000 724 0525

Ouvidoria Sicredi: 0800 646 2519

www.sicredi.com.br

Sorriso e lazer

Continuamos em escaladas de downloads na GoRead em tempos de pandemia. Continuamos com nova edição a cada mês. Avante. E nesta edição temos duas novas matérias bem interessantes. A entrevista de capa traz os pormenores sobre a estética bucal. Ou seja, sobre àqueles dentes maravilhosos que ficamos babando quando vemos nas telas da TV e do cinema. Imaginem no Instagram. Afe!

Quais os segredos? São muito caros? Existe alternativa para um tratamento estético com preço mais em conta? Essas e outras perguntas o entrevistado de capa, dentista Eider Lima, responde. Também, claro, um pouco de curiosidade sobre sua vida. Nas páginas de conhecer e se divertir são precisos, faça uma viagem por um dos mais belos municípios do Rio Grande do Norte: Carnaúba dos Dantas.

Pois bem, o jornalista-viajante Gilson Bezerra, nosso querido colaborador, conta detalhes desse lugar repleto de sítios arqueológicos, onde se pode apreciar arte rupestre, além de cachoeira, do maior santuário religioso do Seridó, o Monte do Galo, inaugurado em 1927, que recebe milhares de peregrinos todos os anos. Na subida, uma Via-sacra.

Do monte, impressione-se com a vista para um castelo de arquitetura medieval francesa, com muros e muretas em formas arredondadas. É o Castelo Bivar, construído com rochas (granito e arenito) da região do Seridó, mas ainda inacabado. Seu proprietário se inspirou no filme espanhol El Cid para erguê-lo.

E faça um passeio por histórias que já contamos em edições anteriores e que nesse período de pandemia aproveitamos para resgatar as mais solicitadas para leitura, mas que não estão mais disponíveis em impressão. Nesta edição, o antigo e belo casarão da família Magalhães Pedroza, na Av. Getúlio Vargas, em Natal. Avenida, diga-se, que um dia foi chamada de Atlântica.

Boa leitura
Eliana Lima



PUBLICAÇÃO:

JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE

ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS

www.portaldaabelhinha.com.br

 @revistabzzz

 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,

CRÍTICAS E ELOGIOS

revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORIA

ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

CAPA

CÍCERO OLIVEIRA

App Meu NatalCard

Agora disponível para os cartões Passe Fácil e Profissional



Meu NatalCard



Get it on Google Play



Download on the App Store



O que já era bom ficou melhor: usuários dos cartões Passe Fácil e Profissional podem acessar serviços como recargas de créditos e consultas de saldos pelo App Meu NatalCard.

E tudo isso sem sair de casa: consulte saldos e recarregue o seu cartão pelo celular; pague com boleto ou cartão de crédito.

**BAIXE JÁ O APP
MEU NATALCARD
E APROVEITE!**



RECARGA DE
PASSAGENS



CONSULTAS DE SALDOS E
HISTÓRICOS DE RECARGAS

Saiba mais: natalcard.com.br



NatalCard



(84) 3026-8450

NatalCard
Tecnologia em seus cartões



O paraíso é aqui!

A 28 quilômetros de Natal, à beira-mar da praia de Camurupim, conhecida pelas suas piscinas naturais, fica o Colmeia Chalés, perfeito para momentos de lazer e relax.

São chalés para seis e quatro pessoas, totalmente equipados para se sentir em casa, inclusive área de serviço e quintal.

Para o lazer, piscina, churrasqueiras, salão de jogos, redário, pranchas de surfe com remo. Oferece estacionamento privativo coberto e a água totalmente filtrada.



Praia de Camurupim - Nisia Floresta / RN

(84) 99962-3991

www.colmeiachales.com.br



ELIANA LIMA

elianalima@portaldabelhinha.com.br

DELÍCIA DE PENICHE

Quando se fala em Nazaré, Portugal, logo se remete à Praia do Norte, onde as ondas gigantes atraem a atenção do mundo e dos melhores *big riders*. Quando se fala em Peniche também vem à mente as ondas supertubos dos campeonatos mundiais em que o potiguar Ítalo Ferreira foi campeão. Vamos falar em Peniche, sobre Peniche, que vai além do seu indissociável mar.

Peniche, aliás, é o nome da cidade, que fica no distrito de Leiria e cheia de praias, em que as mais famosas são as do Baleal (norte e sul), Supertubos, Papôa, Consolação, Lagido, Bernadino, Gamboa, Peniche de Cima, Cabo Carvoeiro, Cova de Alfarroba...e a Portinho da Areia do Norte, permitida para cães. Todas com suas belas peculiaridades. Um lugar de pescadores que ganhou fama com o surfe, assim como Nazaré.

Peniche também é local histórico, com seu charmoso centro, o Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, as Igrejas de São Pedro e da Misericórdia, o Forte de Peniche, construído entre os séculos 16 e 17 para a defesa da costa em cruzamento com o forte da Praia da Consolação. Pegue um barco – existem vários passeios – e siga até a fantástica Ilha das Berlengas, onde o forte foi construído incrivelmente no mar. Lugar que durante o Estado Novo serviu de prisão de importantes figuras públicas resistentes ao regime de Salazar.



Chegando a Berlengas



De vários pontos se pode apreciar o pôr-do-sol



Forte de São João Batista, em Berlengas, construído sobre uma pedra que fica no mar da ilha. Para chegar até ele é necessário subir ao alto da ilha, depois descer por outra trilha e passar por uma espécie de ponte estreita



A prainha de Berlengas é um sonho de linda

É lá onde fica uma das mais belas praias – pequenina – que já fui em Portugal. E o banho maravilhoso. Fique à vontade para levar sombrero e um cooler com bebidas e comidinhas. Tipo farofa-chique. Na praia não tem nada para vender, nem sombrinha. A água da cor de esmeralda é algo maravilhoso. Mas é para quem gosta de água fria. Eu adoro. Se o mar estiver calmo é possível fazer um passeio pelas cavernas. Mas se estiver agitado, ninguém arrisca. São muitas as histórias rodeadas de mistérios sobre pescadores e de barcos afundados.

Peniche também é lugar de rendas de bilros, que as mulheres traçavam enquanto os homens estavam no mar. E, claro, de culinária dos deuses. Com destaque, evidentemente, para peixes e frutos do mar. Se jogue em sardinhas assadas no carvão, caldeirada, arroz de marisco etc. E mais. Claro, acompanhado de vinho da região Oeste. As sobremesas famosas são os doces de amêndoa, 'Amigo de Peniche', biscoitos 'Esses'. Mas eu prefiro 'baba de camelo'. Aliás, um doce tipicamente português que não se encontra fácil nos restaurantes de Lisboa.



Uma pequena ponte para apreciar a maravilha do lugar: Berlengas



Na Praia do Portinho do Norte pode-se levar cachorro



E a pequena ponta leva à prainha encantada



Afe: baba de camelo

SABORES

De gastronomia, minha dica é a Tasca do Joel, famosa por lá. Tanto que começou em 1982 em uma pequena casa que era local de encontro de pescadores no regresso do mar, onde eram servidos apenas pão e vinho, e o forno ficava livre para os pescadores prepararem o peixe por eles pescado. Hoje já conta até com salão para casamentos e batizados. Em 1995, Jael, filho do proprietário, deu início a uma segunda fase, quando ganhou o nome de Tasca do Joel, com poucas mesas e somente três pratos: frango, entrecosto e bacalhau, todos feitos no forno.

O sabor foi fazendo sucesso e o restaurante cresceu mais em 1998. Foi quando surgiu a sala VIP e ganhou uma cobertura de vidro na esplanada (o que para nós é área aberta ou terraço). Local visita obrigatória de quem vai a Peniche. Aproveite!



Nos tempos do hit parade, quando a efervescência das badaladas noites cariocas e paulistanas acontecia em casas exclusivas que o high society chamava "night club", Natal ganhava a boate que marcou época e reunia dos cobiçados aspirantes da FAB a políticos, empresários, famosos e socialites: Royal Salute, onde até uma dócil onça era estrela



Por Tiana Costa
Fotos: Arquivos pessoais

OS EMBALOS DE QUINTA, sexta e sábado à noite nunca foram os mesmos em Natal depois das décadas de 80 e 90. A cidade, que despontava como uma das mais jovens atrações turísticas do país, na época não oferecia variedade de opções de casas noturnas. Mas, uma coisa é certa: as poucas casas eram garantia de muita agitação e deixaram marcas e saudades em quem viveu naquele período efervescente, de boas músicas, muita paquera, onde a noite começa e terminava com música lenta, em que casais dançavam coladinhos, fossem amigos ou paqueras. Tempos em que para revigorar uma agitada noite de muita diversão as boates ofereciam aquele caldinho revigorante. Como a Royal Salute era mais chique, era consornê.

A boate Royal Salute funcionou em um anexo no sandoso Hotel Reis Magos – localizado na Praia do Meio. Era uma dessas casas que promoviam grandes baladas, tanto para a juventude quanto para a “high society”. Ao contrário das baladas de hoje (onde não podem faltar os efeitos de luzes e os “bate-estacas” – músicas eletrônicas – quase sempre no mesmo ritmo), naquele tempo bastava um bom DJ, bom jogo de luz, muitos espelhos revestidos nas paredes e os hit parades – as músicas mais tocadas no Brasil e no mundo – “paradas do sucesso” nas rádios, grandes responsáveis por alavancar o sucesso de bandas e cantores.

Inaugurada no dia 22 de setembro de 1982, a Royal Salute foi um marco no setor de entretenimento da sociedade natalense. “A boate foi

para Natal uma casa noturna como o Club Hippopotamus foi para o Rio de Janeiro, considerada, na época, a boate mais chique do Brasil”, lembra o empresário pernambucano Paulo César Gallindo, que veio do Recife para comandar a badalada boate da capital potiguar por cerca de oito anos. “Montamos a Royal Salute nos mesmos moldes da Hippopotamus, onde funcionava como um clube privé. Os clientes eram sócios, que pagavam mensalidades para ter direito a usufruir da boate. Chegamos a ter mais de 1.200 sócios, apesar de a capacidade da casa ser de 300 pessoas”, conta.

Paulo Gallindo é pernambucano de nascença e potiguar de coração. “Vim para Natal no início dos anos 80, a convite de Samuel de Oliveira Neto, filho de Zezito Pedrosa, que tinha acabado de adquirir o Hotel Reis Magos, o mais famoso e charmoso de Natal”. Ao adquirir o equipamento, o novo dono realizou uma grande reforma e viu que havia uma área ideal para uma boate. “Como éramos amigos e eu já atuava na noite pernambucana desde meus 17 anos, Samuel me convidou para assumir a boate e eu abracei a ideia, pois senti que Natal tinha espaço para uma casa bacana, moderna, ao nível das existentes no Rio de Janeiro e em São Paulo”. No início, a Royal Salute funcionava nas quintas, sextas e sábados. Mas depois também aos domingos, com a matinê chamada “A Tarde Jovem”, recorda o empresário.

Paulo descreve que a decoração era supermoderna, seguindo a tendência das melhores casas do país. O projeto foi do arquiteto Marconi Grevi, um

dos mais atuantes da época e dos mais vanguardistas do Brasil. “As paredes eram todas espelhadas, com camarotes, dance tipo arena, jardim bem tropical com pergolado, e a grande atração que era a onça Charles”. Isso mesmo: a boate tinha uma onça que ficava em uma jaula e chamava atenção no ambiente.

A inauguração da Royal Salute agitou a cidade. “Para se ter ideia, como eu sou de Pernambuco e administrava casas noturnas lá, veio um voo lotado de Recife para a inauguração. Foi uma festa em black-tie que reuniu pessoas da sociedade de Natal, Recife, além de columnistas sociais do Rio e São Paulo. Na ocasião foi servido um buffet especial e todos os doces vieram do Recife”, relata Paulo Gallindo. A abertura coincidiu com a vinda do primeiro famitour (passelo de familiarização do turismo por convidados da área), que trouxe jornalistas e agentes de viagens de várias capitais para conhecer a cidade, divulgar seu potencial e lançar o primeiro pacote turístico, denominado “Natal está na Moda”. “Não existiam os hotéis na Via Costeira e a cidade só dispunha do Reis Magos, o Ducal e o Hotel Tirol”.

Com o desmontamento de Natal para o turismo, as quintas-feiras foram destinadas à “Noite do Turista”, quando os visitantes eram homenageados e atraíam muita gente “conhecida” da capital potiguar. A Royal se tornou um ponto obrigatório para quem chegava à cidade. A maioria dos turistas tinha conhecimento da existência da boate. “Ela virou referência para os visitantes”, diz Paulo.



Cartão de sócio



No bar, as bebidas das noites Royal



Paulo e o DJ Solón Silvestre, que também veio do Recife, na cabine de som



Noite black tie também começava com dança lenta



Equipe de Garçons



J. Oliveira, Claudia Felinto, Bosco Gallindo, J. Epifânio, PG



Flávio Rocha e os colonistas J. Epifânio e Hilneth Correia

Com brindes e sem confusão

Nunca foi registrada uma briga ou confusão na casa, apesar do consumo de bebidas alcoólicas. “Era um ambiente muito salutar, que tinha uma convivência harmônica, apesar das bebidas que eram consumidas”, explica Paulo Gallindo.

A boate servia coquetéis famosos, mas nas datas comemorativas a maioria dos sócios gostava de consumir o uísque Royal Salute, em referência ao nome da casa. “Era um uísque que ficou marcado quando queriam brindar com a melhor bebida da casa. Era charmoso brindar com Royal Salute. Mas a clientela também costumava consumir em aniversários ou outras datas a champanhe Viuvinha (Veuve Clicquot)”. Nas sextas e sábados, a boate lotava e, a partir da

meia-noite, ninguém mais entrava. “Muita gente ficava na fila esperando alguém sair para poder entrar. Os trabalhos só encerravam com o dia claro”, recorda.

Além do funcionamento normal, motivos temáticos também eram realizados com frequência. “Promovíamos muitas festas, como a Noite Cowboy, Noite Havaiana, Noite Mexicana, Noite Escocesa, Noite de Jazz. Eram festas interessantes, quando as pessoas se fantasiavam e várias atrações de fora ligadas ao tema marcavam presença. Também realizamos várias prévias carnavalescas dos blocos de elite que marcaram os antigos carnavais de Natal. Todo aniversário da boate era comemorado com festa black-tie”, discorre o empresário.



Festa do bloco Jardim de Infância



Wellington Paim, Márcio Guedes, Nino Abreu



Nininha Costa em uma das festas temáticas da Royal



Fachada da boate



Hillneth Correia, Samuel Oliveira



A Royal também foi palco de concurso de beleza. Na passarela, Tânia Brito



Luciana Galvão, Gladys e Fernando Fernandes



Cláudia e Paulo Gallindo ainda namorados



Os aspirantes eram o maior público

Tempos dos aspirantes da FAB

A boate Royal Salute também ficou marcada pela frequência dos aspirantes da Força Aérea Brasileira (FAB). Eram jovens aspirantes a piloto, aprovados no curso de cadetes em Pirassununga, em São Paulo, que chegavam em grandes grupos à cidade e permaneciam durante um ano. Com poder aquisitivo razoável, atletas, inteligentes, festeiros e de boa aparência física, a presença deles atraía a mulherada.

“A Royal foi responsável por muitos casamentos e relacionamentos entre os aspirantes e as meninas de Natal”, descreve Paulo Gallindo. Segundo ele, o Catre (Base Aérea de Parnamirim) tinha um bom relacionamento com a Royal. “Todo ano a festa de boas-vindas dos recém-chegados a Natal era realizada na casa. Eram festas disputadíssimas entre as meninas que queriam conhecer os novos aspirantes”, confirma.



Um dos camarotes da boate



Casal Maria e Francisco Nunes e o badalado hair Getúlio Soares em noite black-tie

Público poderoso

Muitos bacanas da sociedade eram sócios, entre eles políticos, empresários e profissionais liberais que tinham a Royal como excelente opção de lazer. “Comecei grandes amizades aqui em Natal naquela época”, recorda Paulo, que veio abrir a boate no início da década de 80 e ficou até hoje. “Vim passar um fim de semana em Natal, bebi água daqui e nunca mais voltei a morar em Recife”, brinca. “Lá se vão 33 anos militando na noite de Natal”, desmancha-se.



Ana Maria Cascudo, Camilo Barreto e PG



Paulo Gallindo com o assíduo frequentador Black Zé e o hoje prefeito Carlos Eduardo Alves



O ator Paulo César Grande em conversa com Murillo Felinto



PG recebe Aclinata, Simone, Célia, João Neto e Andreia Marinho



Mulheres cheias de charme na pista de dança

Dos grupos de frequentadores que tinham destaque na sociedade e no mundo político e empresarial, Paulo de imediato lembra alguns, como Mário Roberto Barreto, Marco Antônio Gadelha, Marcos Santos e Dórida Alves, Eduardo Gadelha e Silvana, Ricardo Faria e Mônica, Robinson Faria, Ricardo Motta, José Raimundo (então badalado dono da distribuidora Brahma), Ronaldo Lopes, Sami Elali e Sandra; o então prefeito de Natal, Marcos Formiga, e esposa Celina; José Agripino e Anita Maia, Flávio Rocha. E muitos outros.

Foi na Royal Salute que Paulo conheceu a esposa,



Herbene Pessoa e Sanderson Lopes

Cláudia Gallindo. “Cláudia nasceu em Natal, mas na época estudava em Recife e vinha passar os finais de semana aqui. Eu a conheci em 1984, na boate. Namoramos, noivamos e estamos casados até hoje”, conta o empresário.

“A Royal foi uma das melhores casas que eu tive e acredito que foi um dos melhores momentos que a sociedade natalense viveu. Hoje não sei se seria possível se fazer uma casa no estilo daquela, porque a realidade é outra. Com o advento de grandes shows, bandas de forró e muitas outras, a cultura mudou muito e não há espaço para um ambiente como aquele”, lamenta.



Jorge Fernando e Solon Silvestre



Isabelle Shelman, Bosco e Paulo César Grande

Fechamento

Em 1989, o Reis Magos foi arrendado por uma grande rede de hotéis de Pernambuco. Neste mesmo ano, as instalações da boate foram vendidas para um grupo local, mas o projeto Royal não se perpetuou por muito tempo pelo novo grupo que ficou à frente da casa.

“Na época, já tínhamos aberto o Chaplin (restaurante que também marcou época na cidade e hoje é uma badalada casa de recepção) e resolvemos investir no empreendimento. Fizemos uma metamorfose e criamos o Complexo Chaplin, composto por vários ambientes de entretenimento, com bar, restaurante, pub, boate, enfim, uma tendência que surgia por todo o país”, descreve.



Hotel Reis Magos, onde funcionou a boate Royal Salute

Onça Charles

A onça foi um presente que Paulo Gallindo ganhou de Zezito Pedroza, então dono do Hotel Reis Magos. Ela era criada no próprio hotel, numa área exclusiva. “Uma grade externa dava para o jardim da boate e fazia parte da ornamentação, mas o animal vivia num espaço amplo que ficava na área interna do hotel”, destaca.

Charles era criado como um animal de estimação. Quando pequeno, passeava na praia e tomava banho de mar. “A onça ficou de uns cinco a seis anos convivendo ali e nunca deu problema. Foi criada para o convívio doméstico, tanto que a gente andava com ela na praia e só deixou esses passeios quando ela cresceu e chegava a assustar as pessoas.

Mas tinha todo o acompanhamento de veterinário, adestrador e um cuidador exclusivo, que ficou conhecido como Zé da Onça”.

Paulo lembra que estava em Recife quando recebeu a informação de que o órgão responsável pelos assuntos pertinentes a florestas e defesa de animais, o extinto Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) – equivalente ao Ibama –, por meio de um mandado de segurança, foi apreender a onça com a afirmação de que não mais poderia ficar ali. Para transportar, foi aplicado um anestésico para o animal adormecer. “Só que a onça teve um choque anafilático e acabou morrendo”, lamenta Paulo César.



Charles e seu cuidador, Zé da Onça

Charles era uma atração à parte. “Ele era dócil. Os clientes, depois de “tomar umas”, colocavam a mão na boca dele e nunca houve problema. Só uma vez ele arrancou a roupa de uma frequentadora”, conta o empresário. A cena cômica e constrangedora aconteceu em uma noite de casa lotada. Paulo estava perto da jaula e uma cliente e amiga, ao falar com ele, foi surpreendida pela ação do animal. “Ele tinha ciúmes de mim. Quando minha amiga me abraçou, Charles quis afastá-la e acabou rasgando o vestido dela, que ficou só de calcinha”. A gerente da casa agiu rapidamente e providenciou uma toalha para cobri-la. “Foi um fato divertido e constrangedor ao mesmo tempo. As pessoas que presenciaram não sabiam se riam ou se aplaudiam a onça. A própria cliente acabou rindo muito”.



Paulo fala sobre a onça Charles ao casal Ana Maria Cascudo e Camilo Barreto



Charles era uma atração à parte



Charles conhecia bem os proprietários, na foto com Bosco



Naturalmente Poderosa

Os costumes da sociedade potiguar não foram mais os mesmos após a chegada a Natal da elegante e vanguardista carioca Clô d'Azevedo, senhora Sylvio Pedroza, um dos homens mais ricos e poderosos do estado, proprietário da Casa Pirangi, em Brasília, que depois foi rebatizada de Casa da Dinda

Por Thiago Cavalcanti
Fotos: Arquivo de Família



Cló Pedroza influenciou uma geração com sua personalidade vanguardista



MAGRA E ELEGANTE, AMIGA de artistas, políticos e socialites. Vanguardista como a capital do Rio Grande do Norte nunca tinha visto antes. Inclusive na ousadia de se desquitar, em época tão conservadora, do marido que governou o estado. Perdeu um filho e terminou seus dias em Brasília, cidade que não gostava. Assim era Clotilde Maria d'Azevedo, Dona Cló, como preferia ser chamada, que desempenhou magistralmente o papel de primeira-dama e inseriu novos hábitos na sociedade potiguar.

Para os que tinham o privilégio da sua amizade, era Cló Pedroza, esposa do então governador Sylvio Pedroza, homem de muito poder e muitas posses que, inclusive, foi o primeiro dono da famosa Casa da Din- da, em Brasília, antes denominada

Casa Pirangi. De fino trato, nasceu em chamado berço de ouro, em Petrópolis, Rio de Janeiro, no dia 25 de março de 1918. Filha do industrial Alceu Guimarães d'Azevedo e Clotilde, Cló e suas irmãs foram criadas com todas as regalias e preceitos que moças de boa linhagem poderiam ter. Estudaram no tradicional Colégio Sion (na época apenas para mulheres), no bairro carioca do Cosme Velho.

O casal e seus seis filhos (Alceu, Eduardo, Maria da Glória, Luiz, Clotilde e Olga Maria) moravam em um casarão no bairro de Laranjeiras. No Palácio do Catete, que pertenceu à família, – os Barões de São Clemente – era comum receberem em seus salões chefes de estados, políticos e embaixadores. O clã tinha por hábito frequentar o Clube Fluminense, que ficava vizinho à sua residência. Foi nas quadras de tênis do clube que Cló

conheceu o potiguar Sylvio Piza Pedroza, com quem se casou em 1939.

Início da década de 40, o casal se muda para Natal. A jovem Clotilde deixa família e amigos da irrequieta Cidade Maravilhosa e vem morar no Nordeste. Acostumada com o luxo e diversão da então capital do país, em solo potiguar se deparou com uma cidade pobre e atrasada. Inicialmente moram em uma casa alugada, na então concorrida Avenida Deodoro da Fonseca. Ao mesmo tempo, o advogado Sylvio Pedroza construía grande casa na Avenida Hermes da Fonseca, no bairro do Tirol, em estilo colonial espanhol, com dois andares e jardim interno que ostentava frondosa tamarineira. Depois de instalados, começa a chegada dos herdeiros Sérgio, Sylvio, Marília e Luiz Eduardo. Cló era conhecida como uma mãe carinhosa e protetora.



O casal Pedroza com os filhos Sérgio, Sylvio, Luiz Eduardo e Marília na residência da Avenida Hermes da Fonseca



Clô Pedroza atuou na Legião Brasileira de Assistência



A embaixatriz do glamour também era preocupada com causas sociais

Novos hábitos

Até 1945, Sylvio Pedroza foi deputado estadual. No ano seguinte, assumiu a prefeitura de Natal, por indicação de José Augusto Varela. Tempo de apogeu e ascensão do poder Pedroza. O papel de primeira-dama caiu como uma luva para Clô. A carioca de família tradicional, elegante e de fino trato inovou no quesito da arte de bem receber. Promoveu festas nababescas, saraus e peças infantis (entre seus pupilos estavam os engenheiros Álvaro Alberto Barreto e Fernando Bezerra, como pequenos atores).

A sociedade potiguar da época começou a

respirar novos ares. Clô promovia festas com orquestras trazidas do Rio de Janeiro. Adorava fumar em reuniões sociais, influenciou muitas mulheres na cidade. Seu grande amigo potiguar foi o pianista Oriano de Almeida, que compôs uma música em sua homenagem, Sonata para Clô. Posteriormente ela o ajudou, no Rio, estudando em sua casa e treinando a participação de Oriano no Programa do apresentador J. Sivestre, "O Céu é o Limite", na TV Tupi, onde ganhou o prêmio máximo de um milhão respondendo sobre Chopin.

Em 1951 Sylvio Pedroza foi empossado governador, após a morte do antecessor, Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia, em um desastre aéreo na região do Rio do Sal, na costa do estado de Sergipe. Dessa vez Clô se torna a primeira-dama do estado. Também embaixatriz do glamour. Mas nem só de frivolidades foi marcada sua atuação no governo. Dona Clô, como primeira-dama e presidente da LBA no estado (Legião Brasileira de Assistência), foi incansável na assistência às populações carentes, especialmente durante a gestão marcada pela seca. Recebeu a visita de dona Darcy Vargas, presidente da LBA nacional e esposa de Getúlio Vargas. Outra passagem histórica foi a recepção à primeira-dama argentina Evita Perón, quando esta fez uma escala no Aeroporto Augusto Severo.

Pode-se dizer que Clô d'Azevedo Pedroza foi a primeira locomotiva social do RN. Em sua residência promovia bailes de carnaval, em um deles estava grávida de oito meses do filho Luiz Eduardo. Tornou-se fã dos carnavais do Clube América e dos blocos de Natal e do Rio. Na cidade, teve grandes amigas, como Anita Ferreira de Souza, Violeta Tinôco, Maria Luíza Filgueira e as irmãs Barbalho (Jacira, Ivone e Zuleide). Na residência de veraneio, em Pirangi, recebia diversas personalidades nacionais e internacionais da política e da cultura.

Ditou moda e estilo. Era cliente das mais papricadas na famosa Maison Casa Canadá, no Rio. De suas viagens pelo mundo afora, trazia as novas tendências da moda. Foi muito copiada por outras senhoras da época. A carioca elegante e vanguardista ficou em Natal até 1957, quando acabou o governo do marido, mas deixou sua marca registrada na nova elite potiguar que surgiu no início do século.

Sua casa passou a ser a residência oficial dos governadores que sucederam Sylvio Pedroza. O primeiro foi Aluizio Alves.



Clô no Copacabana Palace ao lado do Presidente Juscelino Kubitschek



Num jantar para Getúlio Vargas em sua residência



Ao lado do marido cumprimentando o general Eisenhower durante a Segunda Guerra



Recepcionando a primeira-dama da Argentina, Evita Perón, no aeroporto Augusto Severo



Louça da família exposta no Museu da República.



Companhia Federal de Fundição do Rio de Janeiro, um dos negócios da família descendente de barões



O industrial Alceu Guimarães com a esposa Clotilde, a filha Cló e os netos Sylvio, Sérgio e Marília na varanda do Palacete no bairro carioca de Laranjeiras

Riqueza e descendência

A mãe de Cló Pedroza, também Clotilde, era filha do Barão de São Clemente, cujo pai, o primeiro barão e conde de São Clemente, era o dono do Palácio do Catete, atual Museu da República, que foi construído pelo seu pai, o Barão de Nova Friburgo (bisavô de Cló Pedroza). O palácio, após sua venda e incorporação ao Patrimônio da União, em 1896,

passou a ser sede do Governo Federal, até a mudança para Brasília.

O pai, Alceu Guimarães d'Azevedo, era descendente dos barões do Rio Bonito e dono da Companhia Federal de Fundição, fabricante de postes de iluminação pública elétrica e a gás, e de grades de ferro utilizadas no Passeio Público na Cinelândia, Rio de Janeiro.

Vida nada fácil

Em 1962, Clô se separa de Sylvio Pedroza. Começa uma nova fase para a madame chique e refinada. Após sua separação, que na época chamava-se desquite, e era quase um palavrão, ela teve que trabalhar e passou por uma fase difícil. Chegou a penhorar joias de família para pagar contas. Sempre contou com o apoio da irmã Glorinha, viúva do ex-governador e senador fluminense Miguel Couto Filho.

“Mamãe passou uma barra financeira muito grande, penhorou joias na Caixa Econômica e vendeu antiguidades da família para pagar as despesas da casa”, recorda o filho Luís Eduardo Pedroza.

Com a morte da irmã, Clô herdou seu apartamento de cobertura (recheado de obras de artes), na Av. Vieira Souto, e ou-

tros imóveis. A partir daí sua vida se estabiliza confortavelmente. Passou um tempo na cobertura e mudou-se para um apartamento na Rua Samuel Morse, no Flamengo, que, por coincidência, havia sido da sua mãe Clotilde, que lá foi morar após a venda do casarão da Rua Soares Cabral.

Nesse período, Clô Pedroza conviveu com a atriz Eva Tudor, que era sua vizinha de porta. Entre as melhores amigas no Rio, figurava a embaixatriz Lígia Collor Jobim, irmã de D. Leda, mãe do ex-presidente Fernando Collor. Todas ex-alunas do Colégio Sion. Por coincidência, a casa do ex-marido Sylvio em Brasília foi vendida ao senador Arnon de Mello, pai de Fernando Collor, que mudou o nome de Pirangi para Casa da Dinda.



Clô separou-se de Sylvio em 1962 e passou a ser desquitada, uma afronta para a sociedade da época

Clô foi uma das mais engajadas nos trabalhos sociais ao lado de dom Helder Câmara, a quem ajudava na organização da Feira da Providência na barraca do Estado do Rio de Janeiro, com sua irmã Glorinha. Era amiga também de dom Eugênio Sales, que batizou o seu filho caçula, Luiz Eduardo, em Natal.

Os fins de semana eram na fazenda da prima Branca Moreira Alves, mãe do jornalista e deputado Márcio Moreira Alves, o Marcito. Lembrado como pivô do AI-5 ao proferir discurso contra os militares em setembro de 1968, exortando as moças a não namorarem os cadetes, Márcio teve o seu processo negado pela Câmara, o que levou ao fechamento da Casa legislativa e ao seu exílio no Chile.

Numa dessas viagens à fazenda, dona Branca morreu em grave acidente de carro e

Clô ficou ferida. Na época, o governo militar não autorizou a vinda de Marcito do exílio para o enterro da mãe.

A vida continuava a pregar peças. Em 1985, seu filho Sylvinho, renomado artista plástico, é diagnosticado com um câncer no cérebro. A doença reaproximou Clô do ex-marido. O potiguar visitava o filho todo santo dia, durante um mês e meio em que esteve vivo. Sylvinho morreu aos 43 anos, o que abalou completamente a família. Os pais envelhecaram rapidamente, mas Clô precisava de forças para seguir em frente. Dedicou-se aos netos, amigos e ao hobby da pintura. Dizia que precisava ficar ocupada para não enlouquecer.

“Mamãe foi uma guerreira, tinha personalidade muito forte, muito autoritária e ao mesmo tempo humana e amorosa com quem gostava”, lembra a filha Marília Pedroza.

A matriarca Clotilde com suas filhas Clô e Glória e os genros governadores, Sylvio Pedroza e Miguel Couto Filho



Com o filho Sylvio, que morreu de câncer aos 43 anos





“

Mamãe foi uma guerreira, tinha personalidade muito forte, muito autoritária e ao mesmo tempo humana e amorosa com quem gostava”

Marília Pedroza

Brasília

Clô Pedroza tinha uma mágoa muito grande com a nova capital do País. Não gostava por ter sido indiretamente o motivo da sua separação, quando Sylvio foi trabalhar lá, a convite do então presidente Juscelino Kubitschek, em 1960, e não levou-a. No ano de 2000, o filho Luís Eduardo, administrador e advogado, mudou-se para Brasília e levou consigo a mãe. Seu irmão Sérgio já residia na capital federal.

Em 2006, chega ao fim o ciclo de vida da elegante carioca Clotilde Maria d'Azevedo Pedroza, aos 88 anos, na capital do poder que lhe causou dor e que a acolheu em sua velhice em uma bucólica casa no Lago Norte, na companhia dos filhos e netos, ao lado de sua cachorrinha Lola.



Clô foi uma grande admiradora da fidelidade dos cães



BRASILEIROS QUE VENCERAM HITLER

Na Segunda Guerra Mundial, soldados brasileiros, entre eles um potiguar vivo para contar história, desembarcaram na Itália e lutaram juntos às forças aliadas contra o nazi-fascismo. Foram nove meses de batalha, até a rendição de Hitler. Entre os piores momentos do combate, marcaram o inverno rigoroso e o chamado “batismo de fogo”, primeiro confronto corpo a corpo dos pracinhas

Por Louise Aguiar

Fotos: Francisco José de Oliveira

SETENTA E UM ANOS se passaram desde que Alcindo Arnaldo da Silva, hoje com 88 anos, foi combatente na Segunda Grande Guerra Mundial. Mas nem o tempo nem o Alzheimer que o acometeu recentemente o fizeram perder as lembranças dos nove meses que passou na Itália compondo a Força Expedicionária Brasileira (FEB), junto a outros 25.333 soldados compatriotas, sendo 341 potiguares.

Natural de Jucurutu, seu Alcindo tinha apenas 17 anos quando se alistou e foi enviado junto à FEB para a Itália, em setembro de 1944, para lutar junto aos aliados na Segunda Guerra. Ainda não tinha completado os 18 necessários para ingressar no serviço militar, mas recebeu uma “ajudinha” e acabou embarcando numa longa viagem de navio até a cidade italiana de Nápoles.

“Estava desempregado, liso, não arranjava emprego porque não tinha idade para trabalhar. Tentei várias vezes e não conseguia me alistar. Até que encontrei um oficial amigo meu que ajeitou para eu entrar, colocou que eu tinha 18 anos. Ele disse que era certo eu ir pra Itália e perguntou se eu queria ir. Disse que ia na hora”, conta Alcindo, que é um dos poucos ainda vivos e mora em uma casa com sua esposa no bairro de Lagoa Seca, em Natal.

Questionado sobre o que achou de estar na guerra, respondeu de pronto: “Não posso dizer que foi bom, mas até certo ponto



Companhia Lapa Azul

foi muito divertido. Na guerra não se briga de dia e de noite, não. Tem os descansos, as folgas”, conta. Ver as italianas passarem na rua era uma das diversões dos pracinhas, que aproveitavam para fotografá-las. Muitos voltaram para o Brasil com fotos das moças.

Em relação aos italianos, diz que são um povo muito bom e que falam um “português misturado”, fácil de entender. No acampamento, costumavam fumar muito para espantar o frio e quando cozinhavam um grande caldeirão de papa de aveia algumas vezes tinham que jogar tudo fora, por que os alemães sobrevoavam os locais com espelhos, e as grandes panelas de papa poderiam ser refletidas em um deles e denunciar onde estavam escondidos. “Aí a gente tinha que jogar toda comida fora”, lembra.

Seu Alcindo participou de

duas grandes batalhas, a tomada de Montese e a de Monte Castelo. A segunda foi a mais importante, porque apenas os soldados brasileiros participaram do combate, já que os americanos lutavam em outro teatro de operações no momento. A cidade era alta e estava sob o comando dos alemães, e a falta de experiência no frio prejudicou os brasileiros. Mas nem por isso a luta foi perdida. Foram cinco tentativas até recuperar a cidade italiana.

O soldado potiguar também participou de uma batalha mais sangrenta, a chamada Batalha Urbana, em Montese, que rendeu muitas baixas para a FEB. Aconteceu dentro da própria cidade. No dia 14 de abril de 1945 os brasileiros conquistaram Montese, que representava o último reduto que os germânicos tinham fortificado para resistir ao avanço aliado.



Monumento em homenagem aos soldados brasileiros



Alcindo Arnaldo guarda todas as lembranças do período, mesmo 71 anos depois

Foto: João Neto

Pânico e alívio

Os piores momentos da guerra para Seu Alcindo foram dois: o inverno rigoroso e o chamado “batismo de fogo”, a primeira vez dos soldados no fronte de batalha. “Tem aquela solenidade e aí vai todo mundo pra batalha, combater o que vier pela frente”, explica. E o sentimento? “Muito medo, ‘paura’, como eles chamam lá”, emendou.

Sobre o inverno rigoroso, lembra uma verdadeira tromba d’água que praticamente destruiu o acampamento dos brasileiros e derrubou muitas barracas. “Era um frio desgraçado, saímos para pedir socorro em cidades vizinhas”, relata. Lembrou de uma história engraçada. “O inverno era tão grande que para acender um fósforo os soldados enrolavam em

um papel e colocavam dentro da calça, bem na regada. Quando o papel já estava molhado de suor, era que a gente sabia que ia conseguir acender o fósforo e fumar”, conta entre risos e ao mesmo tempo envergonhado, por contar a travessura.

O melhor momento vivido na guerra foi, elementar, quando acabou. Ao retornar para o Brasil, Alcindo Arnaldo foi trabalhar na construção da barragem de Oiticica, em Jucurutu, onde constituiu família e os filhos nasceram. Hoje, 71 anos depois, ainda mantém intactas as condecorações e o diploma que recebeu por defender os Aliados na Segunda Guerra Mundial. O terno cheio de medalhas e o quadro repleto de diplomas são exibidos com orgulho e nostalgia.



Mario Pereira, responsável pelo memorial



Busto do Marechal Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB



Homenagem da brasileira Elza Cansanção

Monumento brasileiro na italiana Pistoia

Os nove meses de batalha, que resultaram na libertação das cidades italianas tomadas pelos alemães a mando de Hitler, renderam aos brasileiros uma homenagem, o Monumento Votivo, localizado em Pistoia, na Itália, uma espécie de memorial. O pesquisador Mário Pereira mora na Itália e é hoje o responsável pelo memorial. Em entrevista a Bzzz, relembrou a batalha e o tempo vivido pelo seu pai, Miguel Pereira, na época 3º sargento da FEB.

Foram 25.334 soldados brasileiros, que chegaram à Itália em setembro de 1944, em cinco escalões sucessivos, enviados pelo Brasil participar da Segunda Guerra Mundial, ao lado dos Aliados. Seu Alcindo e um tio, além de outro cidadão jucurutuense, foram alguns dos 341 potiguares que encorpam o fronte brasileiro.

“Após a primeira parte da participação na área litorânea da Toscana, a partir de setembro e até final de outubro 1944, com a libertação das cidades de Massarosa e Camaiore, do Monte Prato e de várias cidades no vale do Rio Serchio, os soldados da FEB foram transpostos no setor da Linha Gótica, nome do sistema defensivo germânico, do apenino Tosco-Emiliano entre Lizzano Belvedere e Vergato”, conta Mário Pereira.



Neste setor, os soldados da FEB combateram as grandes batalhas, como Monte Castelo, Castelnuovo e Montese. Monte Castelo era um baluarte germânico que mantinha o controle sobre a Rota 64 (SS64) e o vale do Rio Reno, uma das diretrizes do ataque que levariam os aliados à cidade de Bolonha. "Fundamental o controle deste ponto estratégico e tático. Os brasileiros atacaram este monte durante cinco tentativas em quatro meses (novembro de 1944 a fevereiro de 1945), e apenas na quinta tentativa, 21 fevereiro, conseguiram tomar conta da montanha, aguentando e repelindo os contra-ataques que os contrários costumavam desfechar", acrescenta.

Em 5 de março veio a conquista de Castelnuovo, outro ponto dominante deste vale, que também estava sob a posse do exército ale-

mão. A partir daí, a trajetória da FEB, em vez de prosseguir rumo a Bolonha, foi desviada pela esquerda, em direção a Modena. No final do mês de abril, na área de Collecchio e Fornovo di Taro, veio a rendição de uma divisão inteira de germânicos e grupos das Divisões Italianas San Marco e Italia.

A mensagem de cessar fogo surgiu quando a vanguarda da FEB se encontrava em Alexandria, recebida pelo então 3º sargento marconista Miguel Pereira, pai de Mário. A ação de limpeza e controle do território levou os brasileiros até Turim e Súsia, na divisa com a França, onde se encontraram com elementos do exército francês. Os brasileiros só retornaram para casa após a rendição de Adolf Hitler.

Dos 25.334 soldados, 443 faleceram e foram sepultados no ce-

mitério de guerra de Pistoia, além dos aviadores do primeiro grupo de caça da Força Aérea Brasileira (FAB), apelidado "Senta Pua!", somando, assim, 465 mortos. Dentre os soldados do Rio Grande do Norte que participaram da FEB, não se conhecem as unidades às quais foram incorporados, mas representavam 1,4 % do total do efetivo da Força.

Uma curiosidade sobre o símbolo utilizado pela FEB era o de uma cobra fumando. Na época, antes de os brasileiros irem para a guerra, dizia-se que era mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil participar do combate. Quando, finalmente, foram acionados, adotaram o símbolo para rechaçar a descrença. Ao tomarem a primeira cidade italiana dos alemães, todos gritaram: "a cobra fumou!"

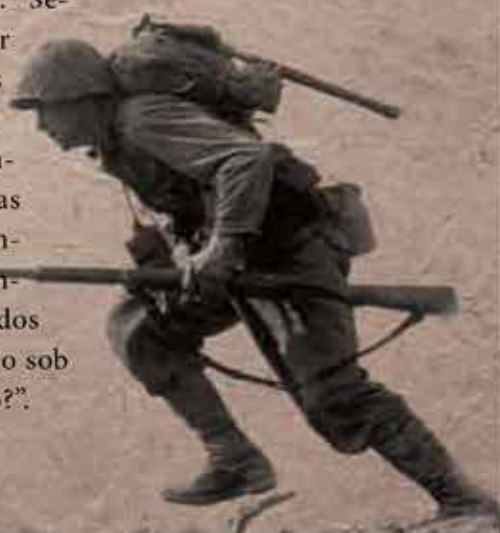
Heroico brado

Enquanto ecoavam ruídos das aeronaves, provavelmente alemãs, em sobrevoos e o barulho de explosões, bravos soldados brasileiros que participavam da FEB cantaram o Hino Nacional na Catedral de Pisa, na Itália. Um trecho do brado retumbante foi gravado por Francis Hallawell, repórter inglês que falava o português e era responsável pelo serviço brasileiro da BBC de Londres como correspondente de guerra, na Itália. “Realizou-se domingo passado na histórica Catedral de Pisa, solene missa realizada pelo capelão-chefe da FEB, Padre Félix Silva, e assistida pelas tropas brasileiras [...]”, segundo pesquisa da Revista Fênix.

Intrigam os ruídos durante a gravação. De acordo com pesquisa da Revista Fênix, o trecho se inicia “aumentando lentamente o volume a partir do verso “teus risinhos lindos campos têm mais flores...” até o final. O eco no interior da catedral acarretou num problema para a clareza da gravação, e o canto parece estar um semitom abaixo do tom oficializado para a versão cantada do Hino Nacional.

Ocorre um erro generalizado na execução da melodia nas palavras “símbolo” e “flâmula”, onde a primeira sílaba é acentuada com uma nota mais alta que as demais – o que não ocorre na música de Francisco Manuel da Silva, mas é uma tendência generalizada do canto leigo induzida pelas proparoxítonas adotadas nesses trechos na letra de Joaquim Osório Duque Estrada”.

Nos relatos pesquisados pela revista, os ruídos de aeronaves e explosões atrapalham “justamente no momento em que se inicia o verso “Mas se ergue da justiça a clava forte/ Verás que um filho teu não foge à luta/ Nem teme quem te adora a própria morte””. Pesquisadores consideram intrigante a presença dos ruídos. “Seria uma coincidência ocorrer um bombardeio enquanto os soldados entoavam o hino? Ou montagem de propaganda, onde o ruído das bombas foi sobreposto para acrescentar maior emoção à audiência e acentuar o heroísmo dos soldados brasileiros cantando sob um direto bombardeio aéreo?”.





EIDER LIMA

SORRIA



ESPECIALISTA
EM ESTÉTICA
DENTAL, EIDER
LIMA DETALHA
SOBRE SORRISO
BONITO COM
SAÚDE BUCAL.
EXPLICA SOBRE
PROCEDIMENTOS
EM ALTA E
ALTERNATIVA DE
TRATAMENTO
COM CUSTO
MAIS EM CONTA.
CLARO, NO BATE-
PAPO APROVEITEI
TAMBÉM PARA
PUXAR UM
TANTO DA SUA
VIDA PESSOAL

Por Eliana Lima
Fotos: Cícero Oliveira

Da aviação na escola de especialista da Aeronáutica, em 1985, a respeitado profissional da odontologia, atualmente. Eider Lima, 56 anos, é daquelas pessoas incansáveis para conquistar a perfeição de suas atividades. Assim, não mede esforços para chegar aos objetivos. Estudar é preciso. Especializar-se, necessário. Atualizar-se, idem. Por aí em diante seguem suas metas. Um batalhador irrequieto, digamos assim.

O primeiro vestibular (o que hoje é uma espécie de Enem) foi para o curso de Química. Passou no primeiro concurso, elementar. Aulas seguidas, observou que não era a 'sua praia'. Muito menos o trabalho como militar na área de aviação. Também fez vestibular – e passou – para Letras, todos na UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), além de Administração e Direito, esses dois a UNI-RN.

Pois bem, deixou o curso de Química e a FAB para seguir os caminhos da Odontologia. Talvez impulsionado pela família da então namorada, hoje esposa, Ana Tereza Bezerra Lima. Toda família dela era formada por dentistas e técnico em prótese dentária - a mãe Raimundo Bezerra, o pai, Fausto, o irmão Adriano Jorge, e ela também seguindo a linha.

E Eider reconhece: "O que me deixou tendencioso a fazer odontologia". A formatura em Odontologia veio em 1990 e ele passou a dividir o consultório com o serviço militar. Não deu mais, deixou a farda em 1992 para dedicação exclusiva no consultório. Lembra que a decisão foi firmada após um grande incentivo que recebeu do então chefe na FAB, de nome Navarro.

E a família formada por Eider continua, a exemplo dos sogros, sendo cons-

tituída por profissionais da odontologia. Senão, vejamos: sua esposa Ana Lima é dentista e o filho mais velho, Rafael, é técnico em prótese dentária. E o mais novo, Gabriel, tem intenções de seguir a carreira do pai. Numa charmosa clínica no térreo do Espaço América, em Natal, a Studio Oral, com projeto de ambientação assinado pelo talento do arquiteto Wellington Fernandes, Eider atende no consultório que fica na parte inferior e Rafael, 26 anos, comanda o laboratório, que fica no piso superior.

Assim como o pai, Rafael segue o caminho de se especializar é preciso. Dos muitos cursos, passou por ensinamentos de renomados profissionais, como, por exemplo, Murilo Calgaro, em Curitiba (PR), sobre cerâmica extratificada (aplicação de camadas de cerâmica até produzirem o formato e a cor), cerâmica maquiada (aplicação de camadas de pigmentos sobre peças anatômicas e monocromáticas) com Paulo Battistella, em São Paulo; anatomia e escultura com Tininha Gomes, entre muitos outros.

Pois bem, na clínica, Eider Lima atende todas as especialidades odontológicas em parceria com grandes profissionais e com privilégio de ter laboratório formado com o próprio filho, que viabiliza um maior controle, rapidez e qualidade nos trabalhos de próteses dentárias. Nas demandas da odontologia estética, tem no portfólio de atendimento trabalhos de lentes de contato em cerâmica ou em resina composta, implantes dentários, protocolos sobre implantes, próteses livres de metal canal, harmonização facial, restaurações em resina. Segundo ele, a clínica está avançando na tecnologia em uma nova sala que está sendo montada com equipamentos para a confecção de trabalhos digitais.

PREÇOS

Tudo muito bem, tudo muito bom, mas sabemos que um sorriso bonito em cerâmica, como os artistas exibem nas telas de TV, cinema e redes sociais, é um tratamento de custo bem salgadinho, digamos assim. Então, vamos ao que interessa – idem: tem alternativa mais em conta para dentes brancos e saudáveis?

Segundo Eider, existe sim alternativa de menor custo frente aos trabalhos estéticos de lentes em cerâmica, que é o trabalho em resina composta, um tratamento estético feito diretamente com o dentista no consultório, sem a fase laboratorial, e assim barateia, mas tem “esté-

tica muito boa”, afirma, com um alerta: “O profissional tem que ter muita habilidade para obter um bom resultado em lentes de contato ou facetas em resina composta. Além de muita habilidade do profissional, o cuidado é minucioso porque as resinas têm facilidade de manchamento, enquanto a cerâmica não mancha. As resinas com o tempo mancham devido a produtos como café, chocolate, vinho e elas escurecem um pouco, mas é uma via alternativa muito bonita e, inclusive, modesta à parte, eu faço muito bem. Ou seja, é um trabalho que exige um profissional altamente capacitado”.

“O profissional tem que ter muita habilidade para obter um bom resultado em lentes de contato ou facetas em resina composta.”



SORRIA!

Instigado sobre os sorrisos famosos, Eider diz que atualmente a tendência é ter dentes brancos e bem alinhados. Assim, existem as alternativas de cerâmica e resina para deixar dentes clareados ou para dentes realmente brancos, que é o desejo da maioria que procura tratamento de estética bucal. E para obter resultado positivo é necessário um planejamento baseado em fotografias, em parâmetros de proporções de largura e tamanho de dentes, forma de dentes de acordo com o rosto do paciente. É feita a montagem dos sorrisos em modelos de gesso e depois transferir o encerramento para boca através de resinas e, assim, transportar o sorriso planejado em laboratório para aprovação do paciente e ajuste de detalhes que não agradam. A partir daí se terá um protótipo para a finalização.

Explica que na escala de cores, tanto porcelanato quanto resina, existe um extenso leque, “mas hoje o que se busca mais são dentes alinhados e brancos”. E é aí que entra a lente de contato, que corrige pequenos defeitos de pacientes que não querem usar aparelho ortodôntico, mas querem mudar o formato de distribuição de dentes. Eider não é favorável aos dentes muitos brancos, porque corre o risco de ficar artificial.

Ele alerta para o cuidado à junção de estética e função, a contar que hoje em dia os dentes



não são tratados apenas como saúde, mas também como estética, e é necessário estar harmonizada. “Não adianta fazer um trabalho extremamente estético se não tem a função em boca. A mandíbula é um osso móvel e os dentes têm as suas funções bem distribuídas na arcada dentária e essas funções têm que ser estabelecidas. Quem trabalha com reabilitação oral diz que reabilita o paciente para ter a sua funcionalidade mastigatória e ganha de brinde uma estética dentária, mas, infelizmente, essa corrente hoje não é seguida e a estética, apenas, está prevalecendo”.

Quais as novidades de um sorriso perfeito? “Dentro dos trabalhos estéticos, temos hoje a cerâmica pura, que não tem mais metal por baixo. Onde há necessidade de um material mais resistente usa-se a zircô-

nia”. Importante que o resultado seja a naturalidade de um dente sem recursos. Para os casos mais complexos, existe a possibilidade de implante dentário, onde pacientes desdentados recebem implantes e em cima se faz tanto um trabalho fixo como móvel, em resina ou cerâmica, em cerâmica com zircônia na sua base, “para dar uma beleza estética de luz muito forte, muito agradável”.

Eider Lima diz também que um grande recurso que a odontologia estética usa hoje são os cimentos adesivos, à base de resina, que dão mais longevidade de tratamento. São cimentações mais rigorosas e eficientes que favorecem resultados estéticos. “As vezes se faz um trabalho de cerâmica lindo, mas se errar no cimento compromete a estética de cor que foi obtida na cerâmica”, chama atenção.

ROSTO

A tendência do momento é a harmonização facial, que é um conjunto de procedimentos para dar proporções equilibradas no rosto sem a necessidade de corte. O que Eider Lima considera sobre essa moda? É favorável! “Os dentistas estão habilitados a fazer a harmonização facial, que é o uso de preenchimento, de botox, que possibilita não apenas a harmonização de face, como também propicia uma estética de sorriso e de alívio de esforço mastigatório. Os pacientes hoje, devido à vida tumultuada, descontam bastante nos dentes, fazendo bruxismo, que é o ranger dos dentes, e apertamentos, que fazem cair e quebrar dentes. Então, o botox tem atuação nessa musculatura e alivia a mastigação para evitar essas fraturas de dentes e dores orofaciais”, explica.

O Conselho Federal de Odontologia não só aprova os procedimentos como tem especialização de harmonização facial para dentistas. Essa, diga-se, é a nova proposta que Eider trabalha para implantar em breve na sua clínica.



O ADVOGADO

O que levou um dentista bem-sucedido a estudar Direito e passar no primeiro Exame da Ordem dos Advogados do Brasil no RN (OAB), sonho de muito bacharel?

Essa é uma história – até – tanto traumática na vida de Eider Lima. Sua determinação por seus direitos. Pois bem, ele explica:

- Após uma decepção no

Concurso público para o quadro de Saúde da Polícia Militar, decidi mudar o rumo da minha atividade profissional ingressando no curso de Direito. Com a frustração incontida e já com a OAB/RN em mãos, decidi mergulhar nos estudos para tentar a magistratura ou Ministério Público. Neste caminho, vislumbrei a violação do direito dos concursados

no citado concurso e ingressei com uma ação judicial que culminou com a satisfação do pedido a meu ingresso no quadro de Saúde da PM.

Pois bem, foi baseado no aprofundamento do Direito que Eider Lima conquistou o sonho a que tanto se dedicou em estudos e esforços: ser dentista da Polícia Militar do Rio Grande do Norte.

LIVRO VERSÃO
 DIGITAL
BAIXO CUSTO
E AMPLO ALCANCE



@TERCEIRIZEEDITORIA



@TERCEIRIZE



84 99930 9984

www.terceirize.com



Gilson Bezerra

www.penaestradatrilhas.com

Castelo de Bivar

CARNAÚBA DOS DANTAS

Pré-história e encantamentos



O JORNALISTA-VIAJANTE GILSON BEZERRA BRINDA ESTA EDIÇÃO COM UMA VIAGEM PELO MUNICÍPIO POTIGUAR DE CARNAÚBA DOS DANTAS, LOCAL QUE GUARDA SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E BELEZAS NATURAIS FANTÁSTICAS, COMO CACHOEIRA E MINI CÂNION. TAMBÉM, CAMINHOS RELIGIOSOS E CURIOSIDADES SERTANEJAS. TERRA DE TONHECA DANTAS, QUE LEVOU O RN PARA OS SALÕES PARISIENSES, COM SUA VALSA ROYAL CINEMA. ENCANTE-SE!

Por Gilson Bezerra
Fotos: Evaldo Gomes

Quem chega a Carnaúba dos Dantas, um pequeno município de 8.117 habitantes, distante cerca de 220 km da capital do Rio Grande do Norte, Natal, entre as históricas Jardim do Seridó, Parelhas e Acari, não imagina nem de longe as riquezas guardadas no território e seu imenso potencial turístico. Conhecida como a cidade da música, tem tradição de grandes maestros, músicos e compositores como Felinto Lúcio e Tonheca Dantas, autor da belíssima valsa “Royal Cinema”, que encantou os franceses e fez grande sucesso nos salões parisienses nos anos 30.

Segundo o historiador potiguar Câmara Cascudo, o município foi fundado a partir da antiga Fazenda Carnaúba à volta de 1740, por Caetano Dantas Corrêa, que teria vindo de Pernambuco com boiadas. O mestre Cascudo

diz ainda que “*Em décadas finais do Sec. XIX, já possuía essa denominação, divulgada popularmente pelos sertões. Capela de São José. Ciclo do gado na feição tradicional do Seridó. Em 1930, mais de cem casas, alinhadas em ruas regulares.*” A povoação foi elevada a Distrito de Acari em 1938, de onde se desmembrou em dezembro de 1953, tornando-se município.

O ciclo do gado durou dois séculos, quando abriu espaço para a mineração do tungstênio e para as plantações de algodão a partir dos anos 40. A decadência dessas atividades econômicas impulsionaram a criação de um polo cerâmico como alternativa de renda para o município que conta hoje com 20 cerâmicas, atividade que é considerada pelos ambientalistas como responsável pelo desmatamento que agrava o processo de desertificação da região.

Vista aérea da cidade

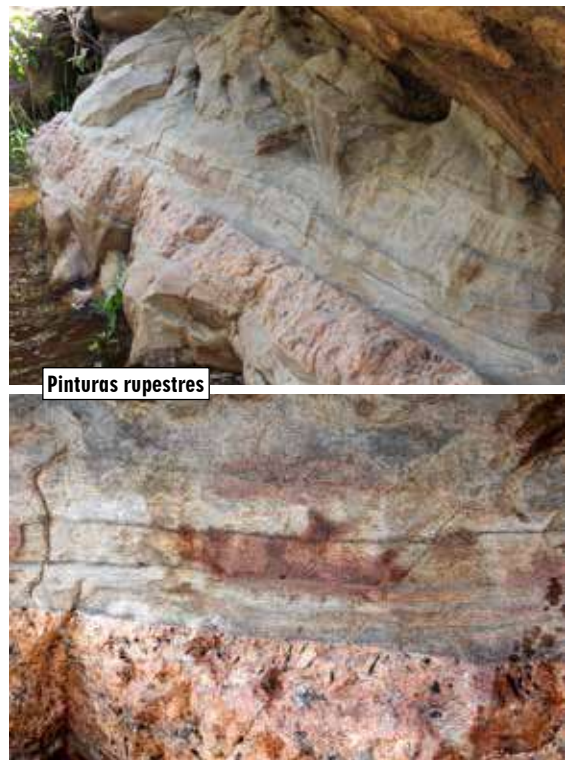


RIQUEZA ARQUEOLÓGICA

Carnaúba dos Dantas é um dos municípios com maior acervo arqueológico do Brasil. São 97 sítios arqueológicos catalogados, sendo apenas oito deles abertos à visitação. O complexo arqueológico Xique-xique, tombado pelo IPHAN e formado por 3 sítios, é o que dispõe de melhor infraestrutura para receber os turistas, com trilhas pavimentadas, escadarias, passarelas e locais de descanso, distante cerca de 3km do centro da cidade. Registrados em 1924, pelo carnaubense José de Azevedo Dantas, só em 1961 foi declarado Patrimônio Cul-

tural Nacional e protegido por lei.

As pinturas classificadas como tradição Nordeste, sub tradição Seridó, foram gravadas nas rochas de quartzito com óxido de ferro e retratam cenas cotidianas dos homens pré-históricos (dança, sexo, caça e rituais) que passaram pela região há cerca de nove mil anos. Outro Sítio arqueológico que merece uma visita é o Talhado do Gavião, uma imensa fenda que se assemelha a um bico de gavião, repleta de desenhos rupestres datados entre 6.000 a 9.000 anos, localizado na comunidade do Lajedo.



Pinturas rupestres

TURISMO RELIGIOSO

Mas nem só de arqueologia vive Carnaúba dos Dantas. Outros geossítios, formações rochosas e atrativos turísticos compõem um rico acervo que brinda os visitantes que se aventuram até lá. O conjunto de Via Sacra e a Capela de Nossa Senhora das Vitórias foram construídos entre 1928 a 1935 no Monte do Galo, por iniciativa de Pedro Alberto Dantas, em agradecimento à cura de uma enfermidade. O monte virou point de peregrinação de romeiros de todo Brasil, que lotam o local em pelo menos três ocasiões durante o ano. O Monte do Galo oferece ainda sala de ex-votos e uma vista deslumbrante do cume, ao lado da imagem de um galo que orna o topo da montanha.



Monte do Galo



Capela de Nossa Senhora das Vitórias

CURIOSIDADES E BELEZAS

Outro monumento que vale a pena ser visitado é o Castelo de Bivar, construído por um morador local inspirado no castelo do filme épico *El Cid*. O castelo em três torres, mirantes e salões, e foi usado como cenário do longa “O homem que desafiou o diabo”, rodado na região.

Como destaque de atrativos naturais temos o Geossítio Cachoeira dos Fundões, no Sítio Fundões, onde em época de chuvas uma caudalosa cachoeira desce a serra e segue por um pequeno cânion, repleto de gravuras rupestres da tradição Itacoatiara. Outro atrativo natural imperdível é a subida da Serra da Rajada, na divisa com o município de Acari.

Trata-se de um imenso monólito de rocha granítica, que pode ser escalado com uma boa dose de coragem e disposição para admirar a paisagem onde os ferozes índios Tairirus travaram a batalha conhecida como a Guerra dos Bárbaros, última resistência ao domínio português.

Estive muitas vezes em Carnaúba, guiando turistas das mais variadas origens desde ruidosos estudantes em aulas de campo até estrangeiros curiosos com a riqueza arqueológica do lugar. Como bom sertanejo que sou, amo visitar Carnaúba, ouvir atento as explicações do nosso guia local, Dean Carvalho, um expert em

caatinga, grande conhecedor da história e da cultura seridoense, desbravador e destemido. Dean percorre incansavelmente velhos casarões abandonados em antigas fazendas buscando fragmentos de um passado que não existe mais: um velho bule de ágata, um ferro de marcar boi, uma gaiola sem pássaro...

Quando visito Carnaúba sinto uma saudade imensa das conversas com Seu Deca Marinho, um sábio em conhecimentos da tradição, profeta de chuva e encantador de bichos. Sentado no alpendre do seu Sítio Xique-Xique, Seu Deca relembra seus tempos de tropeiro quando percorria os sertões com tropas de jumentos trazendo produtos do Brejo Paraibano até a caatinga num vaivém sem fim. Muitas vezes eu largava os turistas com o guia local para ouvir as histórias de Seu Deca, sentado numa cadeira de balanço, tomando o café de Dona Pretinha. Ele não está mais entre nós, mas foi ele quem, num dia de chuva, com o terreiro coberto de sapos, me desvendou para onde vão os sapos cururus quando a seca chega e a comida escasseia. Os sapos voltam ao seio da terra, onde hibernam por meses a fio, na umidade subterrânea, em estado vegetativo. Coisas da caatinga...coisas de Carnaúba dos Dantas!



Vista do Castelo de Bivar





Trilhas por sítios arqueológicos

Cachoeiras

— GÊNIO — ESQUECIDO

Grande conhecedor da obra de Chopin e considerado um dos maiores pianistas do Brasil, com fama internacional, Oriano de Almeida bateu recordes de público em apresentações de música erudita, até hoje insuperável no Teatro Municipal de São Paulo, e terminou seus dias de vida recluso em Natal, na dependência da ajuda de amigos e familiares

Por Louise Aguiar

Fotos: Sueli Nomizo e do livro "O céu era o limite"

ELE É CONSIDERADO UM dos mais importantes pianistas e musicólogos brasileiros. Seu reconhecimento chegou, inclusive, ao cenário internacional. O prestígio, porém, não foi suficiente para dar a Oriano de Almeida um fim de vida compatível com o estrelato. Morreu em 2004, de complicações causadas por um câncer de próstata, esquecido do grande público, isolado em um quarto no Hotel Sol, Cidade Alta. O paraense com fortes raízes em Natal findou seus dias ao lado de poucos e bons amigos. Sem piano. Sem música.

Nasceu em Belém no dia 15 de julho de 1921. Batizado Orianne, adotou depois o nome artístico. Filho de pai natalense, Raymundo de Almeida, e mãe paraense, Onélia, chegou a Natal junto com os pais e a irmã Ossi em 1930, aos nove anos de idade. Veio para ser batizado junto com a irmã, enquanto seu pai aproveitaria para se tratar de uma doença gástrica com o médico Januário Cicco. Seu padrinho foi o pianista Waldemar de Almeida, que na época acabara de chegar de cursos na Europa.

Antes de chegar à capital potiguar, Oriano já havia se encantado com o piano e costumava tocar algumas músicas, em Belém. O padrinho, vendo o jeito que o menino demonstrava para o instrumento, pediu que ele ficasse mais um tempo em Natal, enquanto a família voltava para o Norte do país. "Foi nessa época que seu pai faleceu e ele foi ficando por aqui. O padrinho pianista notou que ele tinha jeito para a música, começou a ensinar e foi ficando surpreso: o menino era melhor do que ele pensava", conta Cláudio Galvão, amigo e escritor da biografia de Oriano de Almeida, intitulada "O céu era o limite".



O pianista teve uma carreira precoce e brilhante



Ao realizar uma audição com seus alunos, a maioria adultos, Waldemar de Almeida programou Oriano para fechar o recital. “O menino lourinho de calças curtas arrebentou e a plateia pediu bis. A partir daí ele começou a ser pianista”, conta Galvão. Durante praticamente toda a década de 1960, Oriano de Almeida, vivendo o melhor de sua forma, foi considerado um dos maiores pianistas brasileiros. Fez turnês pelo exterior, deu cursos no Brasil e no exterior, alcançando prestígio invejável nas grandes cidades do sul do país. Bateu recordes de público nos grandes teatros do Rio de Janeiro e São Paulo, fato pouco comum para um intérprete de música erudita.

Em Natal, estudou com o primo e padrinho Waldemar de Almeida. No Rio de Janeiro, estudou com a famosa Magdalena Tagliaferro, considerada uma das maiores pianistas do século 20. Em São Paulo, venceu concurso e ganhou uma turnê pelo interior daquele estado. Nessa época já começava a pensar mais na música do que na Medicina, que planejava estudar no Rio. Devidamente encaixado na



Plateia lotada no Teatro Municipal de São Paulo

nova atividade, apresentou recitais em quase todo o país, excursionou por cidades dos Estados Unidos, tocou na França, Espanha, Itália e Polônia. “Comentava-se no Rio de Janeiro que Oriano era o único pianista brasileiro a lotar o Teatro Municipal em inúmeros recitais”, destaca Cláudio Galvão.



Oriano durante apresentação no Teatro Alberto Maranhão



O célebre pianista chegou a se apresentar na Polônia

Maior conhecedor de Chopin

Segundo o escritor, o pianista empregava na maioria de suas apresentações uma maneira informal e descontraída de alcançar o público. Antes de tocar a peça completa, explicava a música, falava sobre o autor, tocava trechos para facilitar a compreensão. Ministrou vários cursos em Natal e em muitas cidades. "O mais marcante foi em Lausanne, na Suíça, em 1972, quando apresentou oito conferências em francês sobre a vida e a obra de Chopin. Na ocasião, tocou de cor todas as composições do autor, completas ou trechos. Sua fama de conhecedor de Chopin cresceu quando representou o Brasil no IV Concurso Internacional

de Piano Frédéric Chopin, realizado em Varsóvia, em 1949", lembra.

Outro episódio curioso da carreira do músico foi a participação em um programa de TV de perguntas e respostas, em São Paulo. Oriano de Almeida bateu o recorde do programa, ganhou um milhão de cruzeiros e apresentou concerto no Teatro Municipal de São Paulo, batendo também recorde de público até hoje não superado. "Era tanta gente e os ingressos esgotados que tiveram de colocar cadeiras no próprio palco. Esse iluminado viveu e morreu modestamente em Natal. Tínhamos um gênio entre nós e não sabíamos", lamenta Galvão.

Dias difíceis

Apaixonado inveterado pela música, Oriano de Almeida só pensava em tocar e não se preocupou com o futuro financeiro. Terminou seus últimos dias de vida em Natal doente, morando em um quarto de hotel, dependendo de dois salários mínimos de sua aposentadoria como autônomo e da ajuda dos amigos mais chegados, entre eles a então primeira-dama Clô Pedroza, esposa do governador potiguar Sylvio Pedroza. "Com os dois salários mínimos pagava suas despesas (que eram sensivelmente reduzidas por Fernando, dono do hotel) e ainda economizava para ajudar nas passagens da filha e netos quando vinham a Natal", detalha Cláudio Galvão.

Oriano vivia sozinho no Hotel Sol, mas quando adoeceu foi internado no Hospital da Polícia Militar graças a seu amigo Anchieta Ferreira, que era médico da PM. O câncer já estava em estado



A amiga Clô Pedroza ajudou o pianista desde o auge da carreira até os dias mais difíceis

avanzado. No leito hospitalar passou um ano e cinco dias. Sua longa permanência como civil em apartamento de um hospital militar causou problemas com a administração e ele já estava para ser transferido para a Liga Norte-rio-grandense Contra o Câncer. Amigos interferiram junto à então governadora Wilma de Faria, que o manteve ali até falecer, no dia 11 de maio de 2004. O Governo do Estado também custeou as despesas do sepultamento.



“

Esse iluminado viveu e morreu modestamente em Natal. Tínhamos um gênio entre nós e não sabíamos”.

Cláudio Galvão
AMIGO E ESCRITOR



Cláudio Galvão e Oriano na inauguração do Memorial Oriano de Almeida, em 2001

Os grandes amigos

De acordo com o escritor Cláudio Galvão, o amigo mais “chegado” e mais antigo de Oriano era o escritor Veríssimo de Melo. “Foram colegas de escola primária e amigos durante toda a vida. Muitas pessoas também ficaram ligadas a ele. Janda Pinto foi fiel até o fim; Marcelo Fernandes esteve sempre com ele; Luíza Maria Dantas, sua aluna, e Marlize Romano, sua aluna e prima, tiveram-lhe uma dedicação filial. O médico Anchieta Ferreira foi o responsável pelo seu internamento no Hospital da Polícia, quando adoeceu; Enélio Petrovich, admirador fraternal, foi o mentor da sua ascensão à Academia Norte

Rio-grandense de Letras, e José Valdécio foi mais um dedicado irmão”, relata.

Há que se destacar ainda os médicos Ernani Rosado e Celso Matias, que o acompanharam no hospital sem cobrar um centavo. “Até eu poderia me colocar entre eles, pois nos últimos anos tivemos muitos contatos para escrever sobre sua vida e durante o seu período de internação. Muitos outros nomes foram amigos apenas nos ‘bons tempos’, quando Oriano estava no auge de seu prestígio. Quando o sol começou a declinar no poente, muitos se afastaram e procuraram árvores mais frondosas para colher frutos”, frisa o escritor.



Recitais glamorosos e internacionais fizeram parte de sua carreira

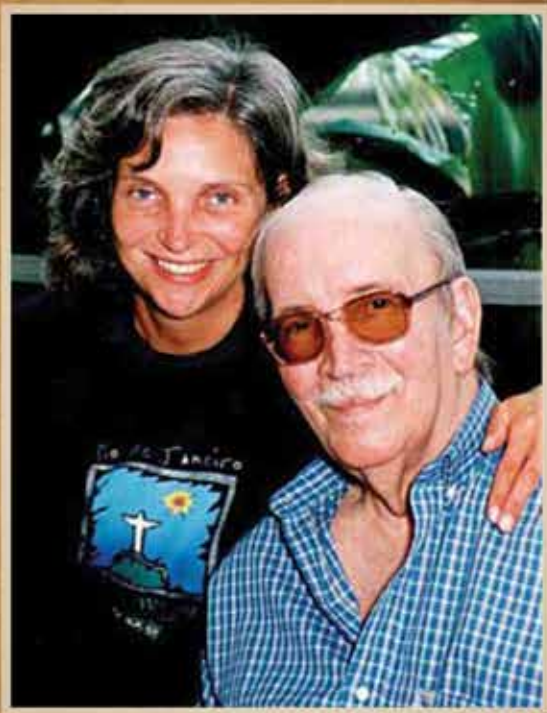
Vida

Segundo Cláudio Galvão, Orlano era emocionalmente mais ligado a Natal que a Belém. Foi na capital banhada pelo Rio Potengi que o pianista passou a infância e a adolescência, praticamente adotado por Walde-
mar de Almeida e sua irmã Maria – Bibi –, casada com o pianista Garibaldi Romano.

Sua mãe casou novamente e teve filhos, mas ele, quando morava no Rio de Janeiro e vinha a Natal para férias, nunca deixou de ir a Belém visitar a mãe e dar numerosos recitais. Conheceu em Paris a pianista paulistana Iris Bianchi. Casaram-se e tiveram apenas uma filha, Lilian, que reside no Canadá e lhes deu dois netos, Nicolas e Lucas, que passaram muitas férias em Natal e aqui estiveram com a mãe para o lançamento da biografia de Cláudio. Segundo ele, Lilian vem a Natal a cada dois anos.



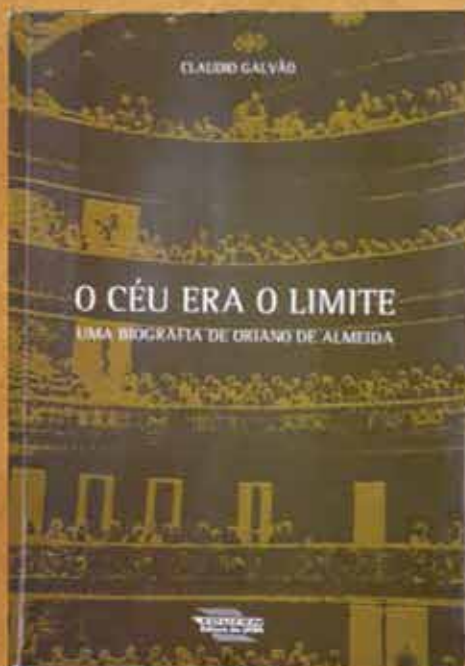
Orlano e a esposa Iris Bianchi, na estreia do "Duo Iris Bianchi - Orlano de Almeida", em 1954



Com a sua única filha Lilian



Claudio Galvão exhibe um exemplar da biografia "O céu era o limite"



A capa do livro mostra a plateia lotada durante um recital em 1952

O porquê da biografia

Cláudio Galvão diz que em todo o Brasil se esquece fácil e rapidamente os nomes das pessoas que mais o amaram. "Quem se lembra de Waldemar de Almeida, um dos potiguares que mais trabalharam pela cultura musical de Natal? Ainda bem que me lembrei dele e de Waldemar", diz. O escritor visitava Oriano todas as quintas-feiras, no seu quarto de hotel, para anotar dados e conferir o que já fora escrito. "Pouco antes das 17h, o grande pianista que encantara enormes plateias parava o que estava fazendo e me dizia: "Agora vamos suspender porque está na hora do Tom e Jerry na televisão" – famosa série animada infantil da época que tratava da eterna rivalidade entre um gato (Tom) e um rato (Jerry).



CD em tributo a Oriano

Grande amigo

A paixão pela música que fez nascer a amizade entre Oriano de Almeida a José Valdécio, aposentado de 70 anos que mora em Natal. Os dois se conheceram por meio de Janda Pinto, grande amiga de Oriano desde os tempos da adolescência. De acordo com o aposentado, os dois já se conheciam de vista antes, mas foi exatamente no dia do aniversário de Valdécio que a amizade começou de fato. “Foi meio inusitado. Estava comemorando meu aniversário com vários amigos em casa quando Janda chegou e disse que não poderia ficar porque Oriano tinha sido atropelado e estava no hospital. Deixei meus convidados e a acompanhei até lá. Ele estava no Walfredo Gurgel [hospital], um verdadeiro campo de batalha. Ali nos conhecemos e nos tornamos amigos”, conta. Valdécio acompanhou Janda, que não podia dirigir, várias vezes ao hospital para visitar Oriano, e assim a amizade entre os dois fortaleceu-se.

“Foram muitos anos de amizade. Conversávamos muito sobre música, adorávamos música clássica, principalmente Chopin. Aprendi muita coisa com ele, com sua experiência de vida de um músico famoso durante muito tempo e que depois se recolheu. Eu até dizia para ele que era muito es-

tranho, uma pessoa que sempre viveu na ribalta com muitos amigos viver tão só”, lembra, referindo-se aos últimos anos de vida e recolhimento do músico. O atropelamento acabou tirando de Oriano o prazer de tocar piano. Um dos seus braços ficou paralisado com o acidente, impedindo-o de praticar o instrumento. Mas, mesmo antes disso, ele já não tocava nem se apresentava mais em público. “Passou a vida no Rio, mas na velhice veio se recolher em Natal. Falava pouco, tinha um temperamento muito introspectivo, mas era uma pessoa extraordinária”, relata Valdécio.

Dono de um ouvido absoluto, do tipo que reconhecia qualquer nota de qualquer instrumento em qualquer altura, Oriano contou com a ajuda do amigo Valdécio para lhe levar ao médico várias vezes, inclusive para fazer fisioterapia. Tinha um marca-passo, o que também o obrigou a ir ao Recife (PE) algumas vezes tratar do coração, também na companhia do amigo. Não gostava de médico, apesar de, antes de se apaixonar pelo piano, ter pensado em ser um. “Costumávamos rir muito quando ele contava os causos de pianistas do Rio de Janeiro e de fora do Brasil. Toda semana eu o visitava no hotel”, recorda a José Valdécio.



Com o amigo
José Valdécio da
Silva

É MENINO ou MENINA?

Bebês podem nascer com genitália ambígua e não caracterizar se o sexo é feminino ou masculino. É o Distúrbio da Diferenciação Sexual. A definição pode ser diagnosticada por meio de exames, mas no RN a única unidade pública destinada à realização do procedimento paralisou o atendimento há mais de dois anos e pais vivem a angústia da incerteza sobre o sexo dos filhos

Por Juliana Manzano

Fotos: Sueli Nomizo



“DOUTOR, É MENINO OU menina?” Pergunta comum durante uma ultrassonografia de acompanhamento pré-natal vira tormento quando pronunciada por pais e mães de crianças que nascem com o Distúrbio da Diferenciação Sexual (DDS), cujos casos também já foram denominados por intersexos ou pseudo-hermafroditas, expressões que não devem ser mais utilizadas.

Tal distúrbio é resultante de um grupo variado de condições genéticas e hormonais que altera o desenvolvimento de órgãos e características sexuais. Dessa maneira, a determinação do sexo – masculino ou feminino – acaba sendo dificultada. Durante as primeiras semanas de desenvolvimento do feto, o tecido que se transformará em gônada (designação genérica das glândulas sexuais) não está definido. Isso acontece a partir de informações genéticas e hormonais que podem transformá-las em ovários ou testículos.

Com apenas 17 anos, A.K. deu a luz a K.V., em março de 2014, no Hospital Dr. José Pedro Bezerra, hospital público conhecido como Santa Catarina, zona norte de Natal, capital do Rio Grande do Norte. A jovem mãe não tinha conhecimento sobre tal distúrbio, muito menos que um caso deste aconteceria tão próximo a ela. E com o próprio rebento. Mas, fez-se realidade.



Dr. João Neri, médico geneticista

A.K. conta que além de sua barriga ter sido muito pequena, teve gravidez complicada com duas fortes hemorragias e sofreu pré-eclâmpsia. Mas estava tudo bem com o feto até o momento. Curiosamente, a detecção do distúrbio não foi feita logo após o nascimento. Somente três dias depois, quando a avó materna fazia a troca de fralda e percebeu que havia algo estranho na genitália. Imediatamente a família procurou a equipe médica. “Nós ficamos internadas no hospital por 12 dias e tivemos o apoio de Dr. João [Neri, médico geneticista] que nos explicou a situação. Ficamos no hospital esperando o resultado de alguns exames e também não

podíamos registrar”, lembra A.K..

O especialista explicou, segundo a mãe, que a possibilidade maior era de que a criança fosse realmente menina como todos imaginavam. Porém, o registro civil ficava a critério dos pais, uma vez que se fosse descoberto que esta era do sexo masculino, a burocracia para alteração causaria mais transtornos.

No Rio Grande do Norte, apenas uma unidade pública, localizada na capital, realiza o exame do cariótipo, um dos principais para a detecção do sexo da criança. É o Laboratório de Genética Humana do Centro de Reabilitação Infantil (CRI), que, para desespero maior dos pais

que enfrentam tal dúvida sobre o sexo dos filhos, o exame não vem sendo realizado há dois anos. Com dificuldades para fazê-lo, os pais começaram uma peregrinação em busca de recursos e realizar o exame em laboratório privado. Quando o valor foi, finalmente, conquistado, outro 'baque' adiou novamente o desfecho da história: a casa da sogra de A.K. foi assaltada e o dinheiro levado pelos bandidos.

A família decidiu, então, juntar todos os laudos e documentos que possuía e procurou a Secretaria Municipal de Saúde. Após a burocracia comum aos órgãos públicos, o procedimento foi realizado. Outros cinco exames também foram feitos. Todo este trâmite desde o nascimento da criança até o resultado durou dez meses. Apesar da demora, os pais finalmente se tranquilizaram com a certeza de que K.V. era realmente uma menina!

A mãe, ainda adolescente, conta que se sentiu 'bombardeada' com toda aquela situação. "Era muita informação nova para mim, muita coisa que nunca pensei viver. Em todas as ultrassonografias que fiz os médicos sempre disseram que era menina. Então, tudo que nós tínhamos era de menina. Mas a nossa preocupação maior não era essa, era a discriminação que ela podia sofrer, os comentários das pessoas, o que poderiam falar. A preocupação não era por nós, era por ela", explica a mãe.

Explicação

Os humanos possuem 23 pares de cromossomos, o que totalizam 46. Destes, um par é de cromossomos sexuais. O sexo feminino é definido por dois cromossomos sexuais X, escritos 46XX, e o masculino é definido pela presença de um cromossomo sexual Y, com definição genética 46XY. A presença do gene SRY, presente no cromossomo Y 'doador' pelo pai, fará com que a gônada indiferenciada se transforme em testículo e o feto se desenvolva como masculino, por meio da formação do pênis e dos testículos. Quando o SRY está ausente, a gônada indiferenciada se transforma em ovário, as estruturas genitais internas desenvolvem o útero e as trompas de Falópio, e a genitália externa não sofre masculinização.

No entanto, o hormônio entra como um intermediário desse processo, uma vez que o gene pode até mandar a informação de que deverão ser formados, por exemplo, pênis e testículos, mas se não existirem hormônios que estimulem este desenvolvimento, ele para no caminho. Desta forma, o gene determina que a criança vire menino ou estimula o desenvolvimento como menina. O hormônio facilita um ou outro.

"É preciso haver equilíbrio entre gene e hormônio. Se a criança tiver determinação para ser menino, mas não tiver hormônio, o genital não se desenvolve completamente. Já se tiver excesso de hormônio masculino, o desenvolvimento vai ser atrapalhado e pode vir a ter um genital pouco feminino ou até muito masculino. Isso é um defeito genético que pode fazer com que a criança que ia ser menino não consiga desenvolver como um. Então, o genital fica ambíguo, o que significa dizer que pode ter aspecto feminino ou masculino, mas não muito característicos", explica o médico geneticista João Neri, acrescentando que existem quase 600 genes descritos que podem interferir no processo e se tornar casos de DDS.

Como identificar?

A detecção tem que partir do pediatra no instante em que a criança nasce. Para saber se um genital é masculino ele precisa ter o pênis todo formado e os dois testículos no interior da bolsa escrotal. Se isso não acontece, o genital é ambíguo. Entretanto, o tipo de defeito varia da constituição genética de cada um.

Nos meninos, um dos exemplos é quando não têm os testículos na bolsa escrotal ou têm um pênis que não se formou normalmente porque a uretra não se desenvolveu. Nas meninas, acontece quando o clitóris é maior do que o normal e os pequenos lábios não se abriram,

não se sabendo se é uma menina em que o clitóris cresceu muito ou um menino em que o pênis não se desenvolveu normalmente.

Existem condições em que o menino não responde ao hormônio testosterona: a glândula sexual vira testículo e começa a produzir testosterona, só que ele não tem receptor para esse hormônio. Então, o genital fica externamente com aspecto feminino, pode até desenvolver mamas, mas não tem útero nem ovários. Tem dois testículos internos, dentro da barriga.

Quando já existe um caso de DDS no filho de um casal, as chances de o próximo filho tam-

bém ter o distúrbio são de 25%. Nessas situações, é possível começar a investigação desde a ultrassonografia pré-natal. E mesmo que a criança nasça com aspecto normal deve ser investigada também para que não haja surpresa indesejada depois.

Apesar de os números oficiais não estarem atualizados, supõe-se que a frequência do DDS é de 1 para 1 mil ou 1 para 10 mil recém-nascidos, a depender da região. A quantidade de casos varia de acordo com a localidade por conta da genética, já que condições recessivas aumentam em regiões onde há grande consanguinidade.

Riscos

Além do transtorno sexual e psicológico que tal distúrbio pode causar ao indivíduo no futuro, a importância da descoberta do DDS ainda na maternidade se torna maior, pois pode se transformar em uma urgência médica e causar a morte. Isso porque a condição hormonal geralmente está associada a um defeito da glândula suprarrenal, que produz dois grupos de hormônios importantes: os mineralocorticóides (aldosterona) e os glicocorticóides (cortisona). O primeiro retém sal do corpo humano e o segundo promove o trofismo.

Quando o organismo tem



um defeito na suprarrenal fica tentando estimular a produção desses hormônios e acaba desviando a indução de testosterona. Por isso, a menina com essa condição pode

ter um genital de aspecto masculinizado e, se o pediatra não estiver atento na hora do nascimento para começar a tratar, ela pode morrer por perda de sal.

O que fazer?

Após a identificação do caso, o pediatra deve chamar os pais para explicar a situação informando que o recém-nascido possui genitália ambígua e que será preciso iniciar uma investigação para definir se o bebê é menino ou menina. Este processo pode durar até mais de 30 dias e o indicado é que durante este período a criança não seja registrada.

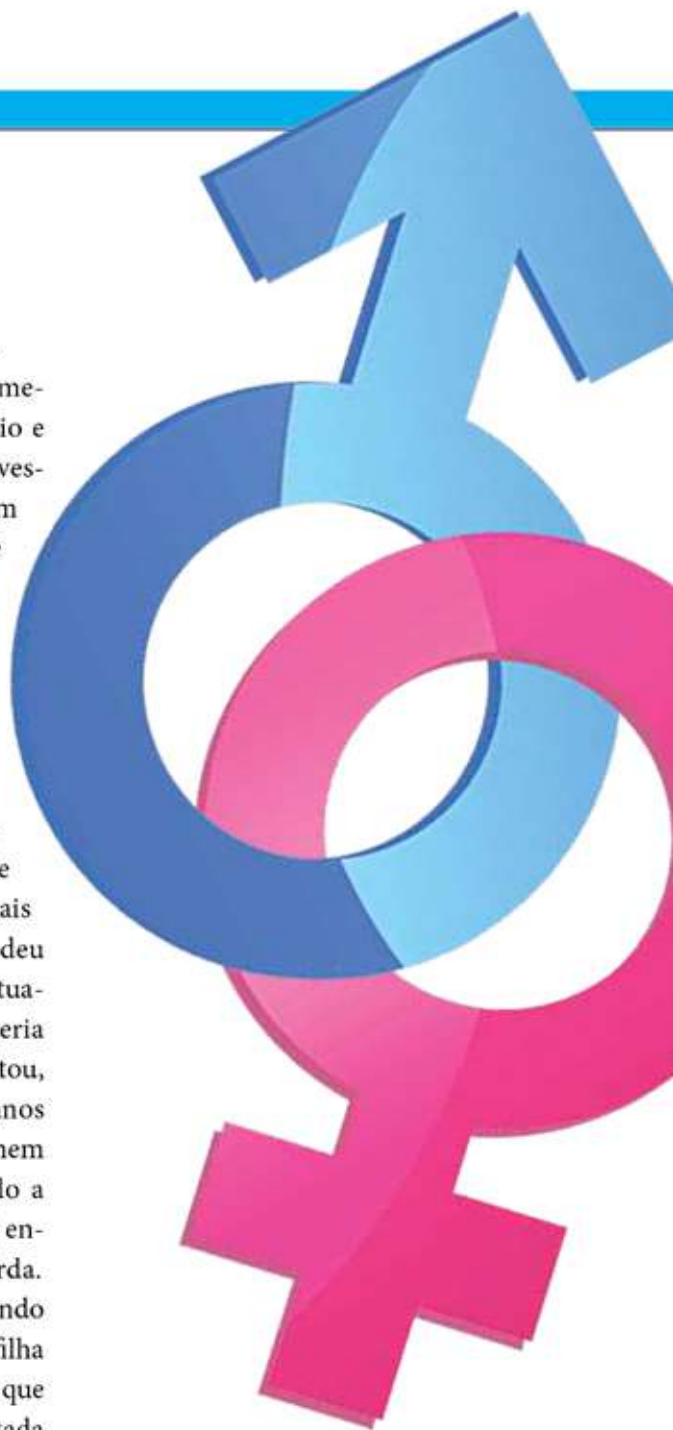
Diante da complexidade que envolve toda a situação, uma equipe multidisciplinar é indicada para acompanhar a família. Geneticista, endocrinologista e psicólogo serão, dentro de suas competências, os responsáveis pela definição do diagnóstico. O psicólogo trabalha ainda, juntamente com a assistente social, no apoio familiar e com a questão do registro da criança. Após o diagnóstico é a vez de o cirurgião infantil ser acionado para realizar o procedimento que visa reconstruir a genitália ou remover as gônadas incompatíveis. “Muitos profissionais precisam estar envolvidos para que a criança não seja liberada e aconteçam problemas futuros”, pontua o médico João Neri.

O geneticista lembra um caso que ocorreu com ele há cerca de três anos na capital potiguar. “Liberaram uma criança dizendo que era menino, os pais levaram para casa, registraram e de-

pois mandaram pra mim.

Eu disse que a possibilidade maior era de que fosse uma menina com excesso de hormônio e disse que começaríamos a investigar. Mas a mãe sumiu com essa criança. Um dia, o bebê passou mal, vomitou muito e foi para um pronto-socorro. Quando chegou lá perceberam a genitália ambígua e confirmaram o mesmo que eu havia dito. O médico passou uma medicação e reafirmou que provavelmente era uma menina. A mãe mais uma vez não aceitou, apenas deu o remédio e tentou levar a situação. Porém, a criança não queria se desenvolver. A mãe me contou, chorando, que até os dois anos ela não queria andar, falar, nem comer, principalmente quando a tratavam como menino. Ela já entendia e ficava chateada”, recorda.

A avó materna, segundo conta o médico, foi quem fez a filha mudar de ideia. “Ela percebeu que a criança não aceitava ser tratada como menino e disse à filha que ela estava matando a neta porque ela era e queria ser uma menina, aí a mãe me contou que saiu chorando, foi ao Alecrim (bairro de Natal) comprar um vestido e colocou na criança. No dia seguinte ela já queria andar, falar e comer. Foi quando se deu conta do que estava fazendo”, completa o médico.





Sandra Magrácio Paladino, psicóloga e sexóloga

“

A discussão é importante porque às vezes pegamos uma criança que quer ser menina, mas os pais forçam a ser menino, o que a torna frustrada no futuro. Ela mesma não se aceita porque quer ser menina, mas a arrancaram o útero, os ovários e colocaram um pênis”.

O diagnóstico

Após identificar a genitália ambígua, a investigação começa por meio de uma avaliação completa da criança e vários exames. O primeiro e um dos mais importantes é o cariótipo com bandamento GTG, que faz uma análise cromossômica para definir o sexo genético. O procedimento procura nas células do sangue os cromossomos sexuais de acordo com quantidade e estrutura. “Podemos ter DDS com variação da quantidade dos cromossomos sexuais, por alteração nos genes de determinação e diferenciação sexual e nos genes de produção e recepção hormonal”, explica o geneticista.

Também são feitas dosagem hormonal e avaliação gênica, sendo esta última a mais demorada, já que é feita fora do Estado. Geralmente são ne-

cessários os três exames para fechar o diagnóstico, além do laudo psicológico para que se chegue a um denominador comum. “A discussão é importante porque às vezes pegamos uma criança que quer ser menina, mas os pais forçam a ser menino, o que a torna frustrada no futuro. Ela mesma não se aceita porque quer ser menina, mas a arrancaram o útero, os ovários e colocaram um pênis. Ou seja, ela foi mutilada e transformada em menino contra sua vontade”, enfatiza João Neri. Na Alemanha, por exemplo, a criança de até dois anos pode ser registrada como de sexo indeterminado porque ela prossegue com a vida civil normal até que o sexo seja definido.

A psicóloga e sexóloga Sandra Magrácio Paladino ex-

plica que quando não se nasce com a sexualidade física definida, como é o caso dos pacientes com DDS, é preciso descobrir o paciente em questão emocionalmente. E como saber? O profissional vai ter que atender e entender. Essa construção de diagnóstico pode levar muito tempo. “Quando o profissional é treinado, sabe levar seu olhar para as escolhas da criança. Mas, ao mesmo tempo, também tem que se observar a família porque às vezes eles direcionam de acordo com suas preferências. Se a mãe quer que seja menina, só dá boneca. Se é menino, carrinho. E esse é um erro cultural que já começa na barriga. Está errado porque os dois são brinquedos. Não é brinquedo de homem e brinquedo de mulher. Tudo que é lúdico é brinquedo”, esclarece.



Centro de Reabilitação Infantil abriga Laboratório de Genética Humana que não funciona há dois anos

As escolhas da criança, segundo a especialista, têm que acontecer livremente. “A família precisa ter isenção e tratar a criança como criança, deixando à vontade os objetos com que ela queira brincar. Não deve procurar dar vestido porque é só de menina. Então dá um shortinho porque menino e menina usam. A ideia é deixar se desenvolver naturalmente. É um trabalho muito complexo porque são vários pacientes, já que a família está muito embutida nesse processo. É muito mais do que técnico, é de observação e

de interação. Não adianta colocar a criança sozinha no consultório. Posso até pôr sozinha, mas também coloco a mãe. Vou conversando com a mãe e observando a criança. Isso tudo porque a sexualidade se desenvolve e se firma de acordo com o ambiente. No caso da DDS, especificamente, o ambiente pode intervir, mas a gente não pode deixar que determine porque vai ser feita uma cirurgia. Imagine ser emocionalmente homem e após a cirurgia feita ser mulher? Vai enlouquecer”, orienta Sandra Paladino.



Laboratório sem funcionar após reforma



Marlene Soares, diretora geral do CRI



Elias Guilherme, bioquímico e chefe de laboratório do CRI

Exame deixou de ser feito há mais de dois anos

Em funcionamento há 27 anos, o Laboratório de Genética Humana do Centro de Reabilitação Infantil (CRI) é o único do Estado mantido pelo poder público que trabalha com o diagnóstico de doenças genéticas e nas áreas de citogenética e genética bioquímica. Na primeira são feitos os diagnósticos de doenças cromossômicas para detectar alterações estruturais ou numéricas. Já na área de genética bioquímica é feita a triagem para erros no metabolismo e na detecção de doenças genéticas de caráter metabólico.

O exame básico para detecção dessa doença é o de cariótipo com bandamento GTG, realizado pela citogenética para diagnóstico de doenças cromossômicas, entre elas a DDS. E o procedimento precisa, além do meio de cultura, de outros reagentes para chegar à análise final. Todavia, esse exame deixou de ser feito há mais de dois anos, quando a reforma

do laboratório foi iniciada. “O laboratório do CRI existe desde 1988 e ao longo desses anos nós não tínhamos um espaço bem estruturado como o de genética deve ser. Então, iniciamos uma reforma há mais de dois anos com o objetivo de atender ao paciente e seguir as normas exigidas pela Coordenadoria de Vigilância Sanitária. No entanto, a reforma que deveria durar dois meses se estendeu por dois anos. Agora, o problema é que estão faltando esses reagentes e os exames não podem ser realizados”, informa o bioquímico responsável, Elias Guilherme Lino.

O bioquímico explica que a análise de cariótipo é um exame muito mecânico porque o profissional tem que ler as lâminas e analisar tanto em termos numéricos quanto estruturais. Se na análise não houver alterações visíveis na microscopia comum, o resultado sai em, no mínimo, dois dias.

Em caso positivo, o prazo é ampliado para 10 dias.

Por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) apenas o CRI era responsável por este exame que custa, em média, R\$ 450 na rede privada. Em Natal, apenas um laboratório privado faz o exame. Os demais enviam para empresas de fora do RN.

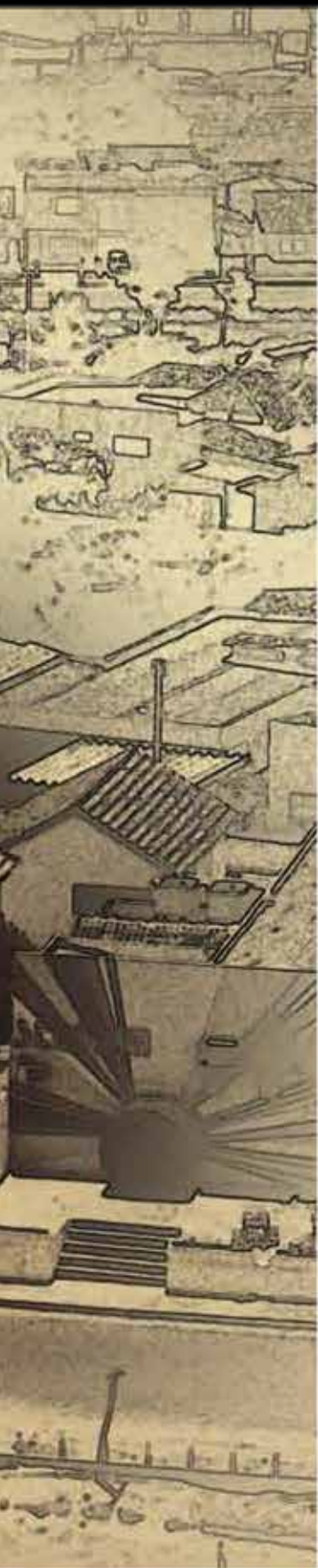
De acordo com a diretora geral do CRI, Marilene Soares, o problema estrutural do laboratório já foi resolvido e agora falta o material. “O processo licitatório foi concluído e estamos aguardando a chegada da encomenda. O laboratório responsável pelo fornecimento do material passou por algumas dificuldades, mas já foram superadas e acredito que até o final deste mês de março já devem ter chegado e os exames voltarão a ser feitos”, afirma. É aguardar e acreditar que o grave problema seja, enfim, resolvido. Informaremos na próxima edição.

Na época em que a hoje elegante Avenida Getúlio Vargas era desprezada pelos abastados de Natal para morar, por considerar distante da urbanização, a família Pedroza Magalhães viveu tempos áureos, recebeu governadores, estrelas da MPB, militares de alta patente e abrigou o cartunista Henfil durante a ditadura. Com a transformação da cidade, a intranquilidade fez a família ceder à pressão da especulação imobiliária

Por Thiago Cavalcanti

Fotos: Arquivo da família

O CASARÃO



Graco Magalhães
com os herdeiros
Antônio Carlos,
Paulo, Branca,
Márcio e Carla

NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XX, as residências das famílias tradicionais da pequena aldeia chamada Natal se concentravam nos bairros da Ribeira e Cidade Alta. Época em que a capital potiguar começou a se desenvolver, com o surgimento de um novo bairro, a partir do plano elaborado pelo agrimensor italiano Antonio Polidrelli, em 1901, que transformou a área que concentrava sítios em Cidade Nova, dividida depois nos nobres bairros de Tirol e Petrópolis.

Em 1929, o arquiteto greco-italiano Giacomino Palumbo foi convidado pelo então prefeito Omar O'Grady para criar o Plano Geral de Sistematização da Cidade, permitido pela instituição da Lei nº 4, que "dispõe sobre construções, reconstruções, acréscimos e modificações de prédios". Foi o primeiro instrumento legal a fazer o zoneamento da cidade, segundo o livro "Genealogia e História", do historiador Ormuz Simonetti.

Antes, em 1925, o importante comerciante e importador de tecidos João Galvão construiu uma grande residência para morar com a família, de 600m², estilo europeu, em um terreno de 1.500m² na então Avenida Atlântica, chamada hoje de Getúlio Vargas. Na avenida já estava fincada a chácara do industrial Fernando Pedroza, que fazia esquina com a Avenida Nilo Peçanha,

onde hoje está em construção o imponente edifício Issa Hazbun. No mesmo quadrilátero estava a casa de veraneio do também industrial Juvino Barreto, que atualmente sedia o Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL). Então, nesse perímetro apenas duas moradias eram fixas - dos Galvão e dos Pedroza. Outras abastadas famílias achavam aquilo muito distante e torciam o nariz.

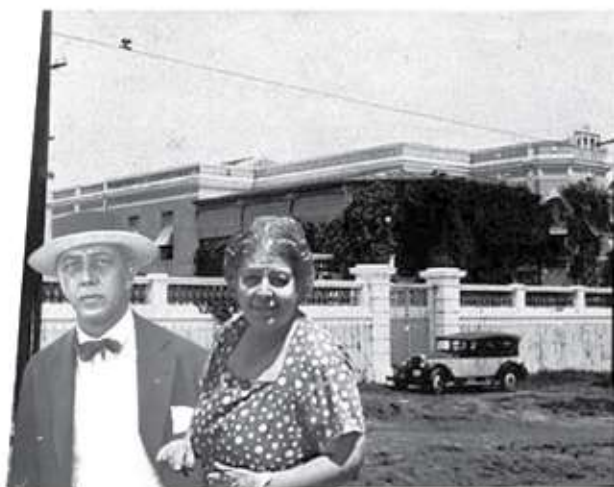
Com o passar dos anos, João Galvão construiu ao lado da sua residência uma casa para o filho Olavo, que se casou com Eunice Coelho. O novo lar do jovem ficava na esquina da Rua Joaquim Fabrício, onde hoje é o Edifício Petrópolis. O tempo passa e o comerciante fica viúvo. Dois anos depois conheceu uma nova companheira e decidiu mudar de endereço, mas no mesmo perímetro, olhando para o mar. Construiu uma bela casa em estilo normando (mescla de referências da arquitetura vernacular e medieval europeia). Era o famoso chalé suíço, hoje o edifício Varandas do Atlântico. Não chegou a morar, pois morreu dias próximos para o casório. A residência foi ocupada pela filha Iolanda e o marido Álvaro Vieira.

Década de 40, a Segunda Guerra Mundial tomava conta da Europa. Natal foi escolhida como ponto estratégico para servir de base de apoio para os americanos. Em 1945, chega à cida-

de o piloto mineiro Graco Magalhães, para ser instrutor do B-25 (bombardeiro) na Base Aérea de Parnamirim. Certo dia, jogando futebol na praia de Areia Preta - com os colegas oficiais da FAB Vercilo, Teixeira Rocha, Bretanha, Campolino, Evaldo Maia e Durval Pacheco -, conhece Sylvio Piza Pedroza, então prefeito de Natal, que tinha no seu time os amigos Alvarado Furtado, Humberto Nesi, Rossini Azevedo e Marito Lira. A partir daí começou uma amizade.

Não demorou muito e o prefeito convida Graco para uma recepção em sua casa. Momento em que apresentou sua irmã Elza ao piloto boa pinta. Foi amor à primeira vista e no

dia 14 de abril de 1948 se tornaram marido e mulher. Entre os padrinhos do casamento, o médico Januário Cicco e o capitão de fragata Manoel Augusto Pereira de Vasconcelos. Década de 50, a emergente sociedade potiguar ia surgindo dia após dia, mas a Avenida Atlântica ainda continuava povoada por poucas famílias. Num certo dia, os herdeiros do comerciante João Galvão ofereceram as três casas construídas pelo pai aos Pedroza Magalhães. Elza escolheu a de número 750, por ser maior em área construída. O casal passa a residir pagando aluguel. Em 1955, a compra é efetivada pela família, com financiamento da Caixa Econômica Federal.



O industrial Fernando Pedroza e a esposa Branca, os primeiros moradores da Av. Getúlio Vargas

Novos domínios

Elza Pedroza e Graco Magalhães passaram a ser os novos donos do segundo imóvel da Avenida Atlântica. E lá nasceram e cresceram os cinco filhos do casal, Márcio, Paulo, Nelson (falecido em 22 de maio de 1982, em um acidente de moto), Antônio Carlos e Branca Pedroza Magalhães.

Com a morte do marido Fernando Pedroza, a matriarca Branca Toledo Piza Pedroza foi morar com a família a pedido do genro Graco. Paulista de família quatrocentona, Branca Toledo conheceu o marido potiguar na Suíça, onde estudava com suas irmãs. Ele, que estava em viagem de visita, foi apresentado à bela jovem.

Na grande casa do filho em Natal, os pais de Graco, Antônio e Magnólia Magalhães Alves, passavam férias.



Piloto Graco Magalhães e a esposa Elza



O casal com os primeiros herdeiros, Márcio e Paulo

Os irmãos Carlos, Jairo, Antônio Carlos, Maria Clara, Cláudio e Fausta Magalhães moravam em São Lourenço, Minas Gerais.

Da varanda da casa se avistava o bonde elétrico passar, que ia até a Rua Dionísio Filgueira. Com o tempo veio a duplicação da avenida, rebatizada com o nome do ex-presidente Getúlio Vargas.

Natal começava a transformar-se, novas ruas e avenidas eram abertas. A Av. Getúlio Vargas recebia novos moradores, entre eles o casal Paulo Eduardo Ferreira de Souza Firmo e Franca Giordanetti, que foi morar em uma grande casa de ares modernos para a época, construída pelo pai de Franca, o italiano Giordanetti, homem riquíssimo, dono de moinhos. Imóvel que hoje pertence à Aeronáutica, residência oficial do Brigadeiro. Mais adiante se encontrava o chalé suíço (atual Varandas do Atlântico), comprado depois pelo empresário Wandick Lopes aos herdeiros de João Galvão.

A casa movimentada da família silenciou no dia 16 de fevereiro de 1964, com a morte de Dona Elza Pedroza, aos 44 anos, devido a um câncer de mama. Quatro anos depois Graco se casou novamente. Da união com Maria José Carvalho nasceu Karla, sua filha caçula.

De governadores a estrelas da MPB

Graco Magalhães era o piloto oficial do estado. Desfrutou da intimidade de vários governadores, recebendo todos em sua residência. Monsenhor Walfredo Gurgel adorava ficar na varanda da casa fumando e olhando para o mar. Aluízio Alves e a primeira-dama Ivone Lyra frequentavam os almoços e jantares da residência dos Pedroza Magalhães. E assim a política potiguar ia passando pelos salões e alpendres da casa de nº 750 da Avenida Getúlio Vargas.

As maiores patentes militares foram recebidas pela família, que tinha a arte de bem receber. Graco tornou-se um embaixador das Forças Armadas em Natal. Recebeu os pilotos do 1º Grupo de Caça do Brasil que combateu a Itália na Segunda Guerra Mundial, o Senta a Pua, maior clássico da aviação militar brasileira. Em visita a Natal, o grupo foi recebido em almoço.

Graco, apesar de militar, não compactuava com todas as ideias do regime. No final da ditadura, começo dos anos 80, conheceu o cartunista Henfil, em São Lourenço (MG), que sofria perseguição dos militares. Convidou, então, o artista para voltar com ele e morar em sua casa na ca-

pital potiguar. Convite aceito, o cartunista e sua mulher Berenice passaram oito meses em Natal.

A turma jovem da cidade marcava ponto no casarão da família. Os amigos dos filhos do casal Pedroza Magalhães se reuniam em festas e banhos de piscinas no jardim coberto de mangueiras.

A cantora baiana Gal Costa foi outra visita ilustre. A artista veio fazer um show na cidade e no outro dia, a convite de uma amiga, foi levada para almoçar no casarão. Ao chegar, encantou-se com o jardim e as mangueiras. Logo pediu uma rede para se deitar entre as árvores. A notícia de que Gal Costa estava hospedada na casa dos Pedroza Magalhães se espalhou pela rua. Um dos primeiros a chegar foi o advogado Mozart Romano, amigo da família, que mandou chamar o filho Cássio. Após exaltar os talentos artísticos do filho para a estrela do movimento Tropicália, o pai pediu a Cássio (que dirige a Casa do Brasil em Madri, desde a década de 1990) para tocar violão, que assim fez, apesar de muito a contragosto. Até hoje as famílias dão boas risadas ao lembrar essa histórica passagem.

A galinha dos ovos de ouro

No final da década de 70, início dos agitados anos 80, a cidade começa a se verticalizar. A Avenida Getúlio Vargas passa a ser a galinha dos ovos de ouro das construtoras. Os grandes terrenos sofreram especulações e as belas casas desmoronadas para dar vez a espigões. O piloto Graco recebeu inúmeras propostas, mas não dava a menor atenção.

Outro grande incômodo para a família foi a chegada do Bar Liberté, que quebrou a tranquilidade do local nos anos 70. Ficava do lado da casa dos Pedroza Magalhães, separado apenas por um muro. Iniciou-se uma série de discussões entre a família, o dono do bar, Ângelo Varela, e frequentadores que estacionavam os carros na frente da garagem da residência. Foram dois anos de muita perturbação até o bar fechar as portas.

Graco começa a rever seus conceitos, pois os apelos e propostas pelo terreno eram muitos. Decidiu que só sairia da casa se fossem fechados em qualquer negociação cinco bons apartamentos. Algumas construtoras não aceitaram, mas o construtor Flávio Azevedo topou o negócio.

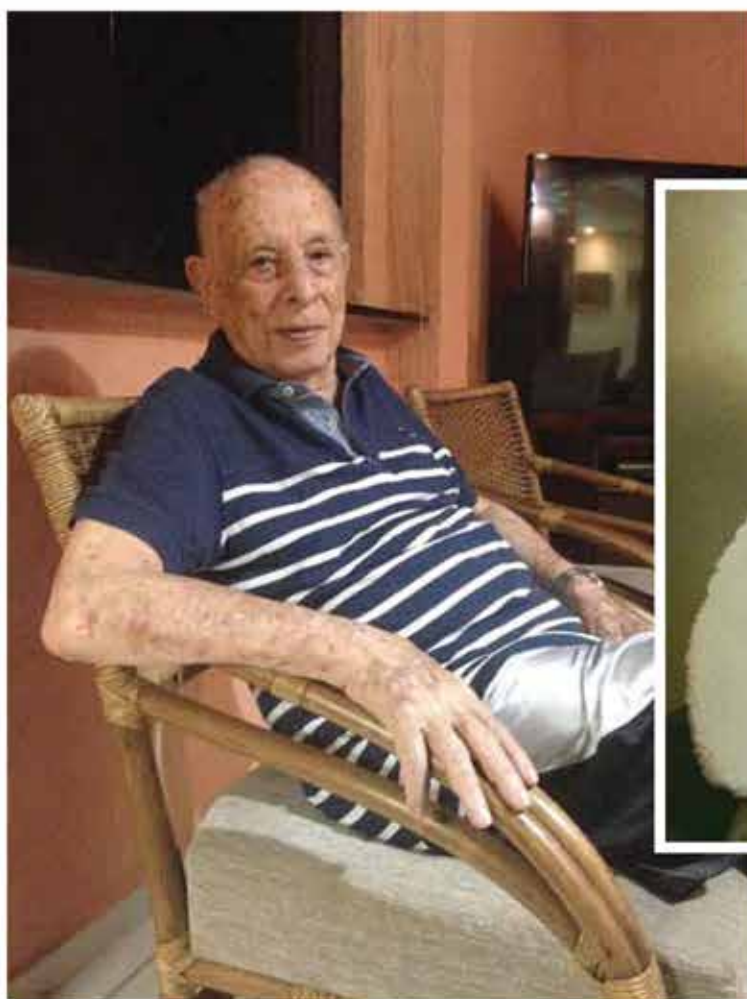


A residência deu lugar ao edifício Plaza Atlântico



Em 5 de setembro de 1986 a família deixa o casarão do início do século, que foi derrubado a marretadas e por tratores. Ergueu-se ali o residencial Plaza Atlântico. Nenhum membro da família chegou a morar no edifício, todos venderam seus apartamentos da parte da negociação.

“Moramos durante 38 anos nessa casa, tivemos alegrias e tristezas. Nossa família foi muito feliz nesse imóvel. Demos a vez a outras famílias curtirem essa bela paisagem”, resume o agropecuarista Antônio Carlos Magalhães Alves, conhecido como Toninho Magalhães.



Arquivo vivo

Eu não conhecia o piloto aposentado Graco Magalhães, apenas de ouvir falar pelo meu pai e amigos. Data e hora combinadas e me deparo com um senhor de 93 anos, alto, educado e com uma memória privilegiada. Foram duas horas de conversa. Ou melhor, de uma aula de história. Impressionantes lucidez e raciocínio rápido para as respostas. Conversamos sobre muitas coisas, a Natal de

outrora, política e algumas histórias que não posso contar aqui nesta matéria (risos).

Graco Magalhães se aposentou no segundo mandato do governo do hoje senador José Agripino (DEM). É testemunha de muitas conversas e articulações políticas de grandes líderes da política local. Privava da intimidade de todos os políticos com quem conviveu durante anos, tanto na cabine

do avião que os transportava quanto nas conversas em aeroportos e residências oficiais dos governantes.

A discrição sempre foi sua marca registrada. Ouviu muita coisa, mas até hoje guarda segredos que jamais serão revelados, garante. No final da entrevista, perguntei qual é a melhor lembrança da casa. De imediato, respondeu: “Ver o nascer da lua cheia com minha saudosa Elza”.

Perder DÓI

O luto é um processo certo na vida de cada pessoa. Não apenas pela morte, mas também por outros fatores, como o fim de um namoro. A falta de informação faz com que alguns não compreendam o pesar e associem a depressão ou outras doenças. Muitos tentam adiar os sentimentos que o luto acarreta e, assim, desenvolver em novo momento de forma mais complicada. É um processo que precisa de tratamento, inclusive em crianças

Por Alice Lima



ANGÚSTIA, ANSIEDADE, vontade de fazer a dor passar sem saber qual o remédio. O peito fica apertado e quem sente pode afirmar que se trata de incômodo físico e não apenas psicológico. Mas como explicar aos outros que dói por algo não estar mais ali? Esse conjunto de sinais indesejados pode se chamar luto e, ao contrário do que muitos pensam, não é necessário que alguém próximo tenha morrido para senti-lo. Pode ser o fim de um namoro, mudança de emprego ou uma aposentadoria. O diagnóstico é feito por psicólogos e há, sim, tratamento.

O luto é um processo pelo qual todas as pessoas deverão passar devido ao sofrimento gerado diante da ausência do outro ou de algo. O problema ocorre quando essa fase natural se torna mais difícil que o habitual, o que os especialistas chamam de "luto complicado".

Natural e esperado, o pesar é um período de muitas oscilações de sentimentos, pensamentos e sensações. Esse estado não é apenas um processo individual, mas também familiar e social. Os sentimentos vividos podem ser de tristeza, raiva, culpa ou ansiedade. Características físicas como vazio no estômago, aperto no peito, nó na garganta, boca seca e falta de ar também podem acontecer.

Luto vai além. Entre as alterações cognitivas, confusão, sensação da presença, pensamento obsessivo sobre a pessoa ou coisa perdida e dificuldade de concentração estão presentes na vasta lista de alterações, assim como mudanças de comportamento que incluem hiperatividade, distúrbio de apetite e agressividade. A reação varia de pessoa para pessoa, mas não há como evitar o processo de luto.

O enlutado pode ter também sentimentos ambivalentes. O processo de luto está diretamente associado com o significado que o enlutado atribui ao que ou quem foi perdido. Por falta de informação, as pessoas não compreendem que estão vivenciando esse processo, elas acabam associando a depressão ou outras doenças. Ou podem não se permitir vivenciar aquele momento com os sentimentos que ele acarreta e adiar o processo que pode terminar aparecendo em outro momento de forma mais complicada.

Ajuda profissional

O processo é natural, mas para entender se o luto transformou-se complicado o olhar deve ser outro. Para diagnosticar e avaliar qual o melhor tratamento, o recomendável é o auxílio de profissionais, ou seja, psicólogos com qualificações na área. No Rio Grande do Norte, o Núcleo Apego e Perdas é referência. Composto pelas psicólogas Marianna Mendes, Milena Câmara e Kátia Bezerra, o objeto é tratar pessoas que sofrem por perdas.

O lugar oferece psicoterapia, aconselhamentos, orientações, intervenções em emergência, além de cursos de capacitação, informação e supervisão para profissionais. Nem todos vão precisar do suporte profissional, o que pode ser avaliado por alguém capacitado.

Nos casos de perda para a morte, diversos fatores devem ser ponderados. Saber quem era a pessoa que morreu, qual o sentido que tem na vida de quem ficou e como se deu a partida são alguns deles. É muito complicado esperar que familiares e amigos próximos possam fazer esses discernimentos, uma vez que também estão sofrendo ou envolvidos na dor do outro.

A psicóloga Julita Sena, que

tem capacitação em morte e luto, trabalha na Liga Mossoroense de Estudos e Combate ao Câncer, local que lida diretamente com perdas e dores de pessoas enlutadas. Ela explica que a intervenção profissional é de grande valia. “O sujeito enlutado precisa adquirir segurança diante da sua fragilidade, pois geralmente o processo de luto é um processo de reconstrução. Nesse percurso de superação é necessário se desprender de algumas coisas relacionadas ao falecido e procurar reconhecer aquelas que realmente fazem parte de si. Isso ajuda a viver uma saudade com mais amor e menos dor”, defende a profissional.

“O próprio enlutado pode avaliar se precisa de suporte, considerando suas necessidades de apoio e cuidado. Importante considerar se as reações à perda estão interferindo de forma significativa na continuidade da vida da pessoa, a intensidade dos sintomas e a persistência”, esclarece Marianna Mendes. A psicóloga alerta que há exigências da sociedade que podem dificultar o processo, uma vez que o sofrimento parece incomodar, o que deixa quem está sofrendo ainda mais solitário.



Psicólogas Milena Câmara, Marianna Mendes e Kátia Bezerra



Psicóloga Julita Sena

“

O luto complicado, se não cuidado, pode levar a algum tipo de adoecimento físico ou psíquico, como a depressão”

Marianna Mendes, psicóloga

Luto complicado

É o luto que se caracteriza por algum tipo de extensão, distorção ou fracasso na vivência do processo do transtorno. Os mais próximos podem tentar observar se a pessoa está tentando reprimir, negar ou evitar aspectos da perda ou ainda segurar ou evitar o desligamento do que se foi.

“O luto complicado, se não cuidado, pode levar a algum tipo de adoecimento físico ou psíquico, como a depressão. As pessoas se enlutam pelos mais diversos tipos de perda, e o tempo do processo é relativo”, enfatiza Marianna. Dentro das variáveis do luto, há também o antecipado, quando é possível retratar as expectativas geradas em torno do diagnóstico de uma doença grave, antecipando literalmente sentimentos e ações que sucedem uma perda.

É preciso sentir

O sentimento temido é um processo esperado diante de um rompimento de vínculo. Nesse caso, o luto precisa ser sentido, ser vivido, para que possa ser elaborado de forma mais adequada e não gere complicadores em outros momentos da vida.

“Falar sobre as perdas, sentimentos, pensamentos, enfim, ter

um espaço para compartilhar é de extrema importância para o enlutado em sua busca de sentido para a perda”, explica Marianna. É um processo de busca de sentido, assim o enlutado integra a perda em sua história descobrindo uma nova forma de se relacionar com a pessoa perdida.



Crianças também podem sofrer

As crianças também enlutam-se. Diante da perda, seja para vida, como o divórcio, ou para a morte, a criança também apresenta sentimentos e sensações, que normalmente aparecem de maneira diferente do que acontece com o adulto. As principais características são agressividade, dificuldades de aprendizagem e medos.

Uma das dificuldades rela-

cionadas ao luto infantil é que os adultos, pais ou responsáveis, muitas vezes também estão enlutados e acreditam que precisam proteger a criança do sofrimento, cujo resultado pode ser gerar ainda mais sentimentos negativos. A criança também precisa de um “tempo” para se adaptar a perda e precisa ser respeitada e acolhida em sua dor.

A ludoterapia, psicoterapia fei-

ta com crianças, no caso do luto, é uma opção bem-vinda. “No momento de uma perda é comum que os adultos fiquem confusos e não saibam como lidar com a criança que também vivenciou a perda e a terapia também serve como forma de orientar os pais e familiares a lidar com a criança de forma mais adequada”, observa a psicóloga Marianna Mendes.





“

Procuramos manter a nossa vida e as pessoas que amamos vivas, mas nem sempre é disso que precisamos ou disso que elas precisam”

Julita Sena, psicóloga

Eterno medo da morte

Questões sociais também são importantes. A morte ainda tem uma representação muito obscura e oposta à vida quando na verdade faz parte do ciclo vital. “Estamos inseridos em uma cultura que não lida facilmente com a morte e que não fala sobre ela. Por isso, algo que faz

parte de nós é ao mesmo tempo desconhecido e estranho. Procuramos a todo tempo e a todo custo manter a nossa vida e as pessoas que amamos vivas, mas nem sempre é disso que precisamos ou disso que elas precisam”, evidencia Julita Sena.

Para a psicóloga, que traba-

lha com o tema diariamente, o medo de perder pessoas queridas é mais intenso do que o receio da própria morte. Para grande parte das pessoas, a perda de um ente é algo muito difícil de lidar, até mesmo insuportável e, por isso, muitos gostariam de estar no lugar daquele que está partindo.

Como informar sobre morte trágica

Especialista em luto pelo Quatro Estações Instituto de Psicologia (SP) e Laboratório de estudos do Luto (PUC), a psicóloga Milena Câmara trabalha o aconselhamento em grandes desastres, como em acidentes aéreos. Casos em que o aconselhável é que a notícia seja dada individualmente, em um lugar reservado.

Algumas vezes, contudo, os familiares acabam sendo informados por meio da imprensa e o choque tem consequências difíceis de se-

rem controladas. “Em casos de grandes desastres, são montadas bases de apoio nos locais onde está a necessidade. Quando há muitas vítimas, as famílias devem procurar quando sentirem o desejo”.

O processo natural e recomendável, segundo a profissional, é que a notícia da morte seja contada do início ao fim, como tudo aconteceu. Dessa maneira há mais conforto, mesmo em meio à turbulência. Em situações como essas ser direto não ajuda.



Milena participou de encontro sobre o luto em Taiwan



Também deve-se ter informações sobre a saúde de quem será informado, para que sejam tomados os devidos cuidados. “Quando ainda não há os corpos do acidente, os mais próximos podem ficar em estado de negação, o que chamamos de perda ambígua, quando existe a perda, mas não temos a ‘prova material’”, esclarece Milena. Rituais de despedida como velórios são indicados para ajudar no processo de mudança de realidade para quem fica, independente da religião seguida.

Pelo segundo ano consecutivo, em janeiro de 2014, Milena Câmara foi uma das duas brasileiras convidadas a participar de reunião de um grupo de estudiosos em luto, “International Working Group in Death, Dying and Bereavement”, em Taiwan, para uma semana de estudo e troca de informações entre profissionais da área de todo o mundo.

A brasileira observou diferenças no tratamento dado ao luto em outros países. No Brasil, são poucos psicólogos envolvidos de maneira aprofundada sobre o tema. “Em outras nações, outras profissões também tratam o luto e se qualificam, o que fortalece a rede e ajuda a população, que precisa debater mais o assunto a fim de amenizar sofrimentos e problemas”, defende a psicóloga.

TÚNEL DO TEMPO

Thiago Cavalcanti

Fotos: João Neto

Glamour

Empresária de moda que acontece em Natal, Tereza Tinoco marcou os seus 40 anos com uma grande festa, no Hotel Vila do Mar, Via Costeira, no dia 2 de março de 1999. Muitas foram as insinuações em busca de convite para a ocasião que movimentou a cidade antes, durante e depois da celebração, mas apenas 250 convidados tiveram o privilégio. A decoração ficou a cargo do badalado arquiteto Renato Teles, e as delícias com assinatura do mais-mais tradicional: Nick Buffet. A festa inovou. Saiu da formalidade de todos os convidados sentados e música de fundo, para poucas mesas e muitos convidados circulando, garantindo uma ocasião descontraída e dançante, ao som dos hits dos anos 70, 80 e 90, que terminou nos primeiros raios do sol.



A anfitriã Tereza Tinoco



Com os filhos, Lula e Pedro Henrique



Luciana Galvão



Charles Sá



Gracinha Ferreira e Renato Teles com a aniversariante



Lucy Collier, Diva Duarte, Ana Regi a Salutino, Ustana Bezerra, Ivone Gallindo, Cármen Macedo, Cláudia Gallindo



Adriana Flor, Tereza e Jota Oliveira



Ângela e Wober Jr.



Silvana e Eduardo Gadelha com Márcia e Paulo Coelho



Rui, Arnaldo Filho, Denize, Sérgio e Arnaldo Gaspar celebrando Tereza



As irmãs Nilma e Nilze Dias com Tereza



Marlene Tinoco, Thuiza Flor, a aniversariante e Cláudia Schiller



Katarina Araújo Lima, Ustana Bezerra e Fátima Araújo Lima



NELSON SOLANO VALE
Cardiologista e Professor da UFRN,
Diretor Administrativo do Hospital
do Coração de Natal

A Covid e o Coração

Hoje, 26 de junho, completamos 4 meses que atendemos o 1º. Paciente suspeito de Covid19 no Hospital do Coração de Natal!!

Nesses 120 dias de Pandemia na nossa porta, foram muitas transformações, emoções, incertezas e vitórias, mas acima de tudo, muita dedicação e entrega (até mesmo da própria saúde pessoal) dos 1059 funcionários do Hospital do Coração de Natal aos 1549 pacientes suspeitos ou confirmados com Covid19 que foram atendidos aqui!

Passamos a viver um dia a dia desconhecido e desafiador cheio de surpresas, algumas tristes, outras profundamente alegres e reconfortantes: aquele aplauso na hora da alta do paciente, compensa todas as noites não dormidas e todos os dias em que não foi possível abraçar o filho.

Confesso aqui minha emoção Contida no dia da Alta do meu amigo e companheiro de Aulas no Pré-vestibular, Antônio Teófilo que, após 85 dias de internação por complicações decorrentes da Covid 19, está com sua família no aconchego do seu Lar. Chega a ser inacreditável, mas é verdade: “Toinho”, Você venceu!!

Além da gravidade da Doença, o fantasma da Dúvida do Tratamento, da disponibilidade de Respirador e de Medicamentos!!!

Felizmente, aqui no HCN, os setores de Suprimentos (farmácia, compras e etc.) mantiveram os nossos setores abastecidos com segurança: chegamos a consumir 2.300 máscaras cirúrgicas por dia e, no período de ocupação máxima das UTIs, chegamos a consumir 923 ampolas de Midazolam por dia, número superior ao que era anteriormente consumido por mês!

Tivemos alguns dos nossos Guerreiros feridos (soldados e Generais), mas felizmente nenhum abatido, que logo após sarar as Feridas, voltaram para a linha de frente desta Batalha inesperada pela Vida!!!

Nada do que foi será como já foi um dia! Ainda temos muito o que fazer! Ainda não vemos a luz no final do túnel, mas como membro desta valorosa equipe profissional, posso afirmar que o pior ficou para trás, pois a nossa capacidade de resistir, inovar e transformar, não tem Limites!

Para vocês, bravos Guerreiros da Saúde e do HCN, o meu agradecimento com um forte abraço virtual (não menos afetuoso) e, literalmente, do fundo do Coração !!!!





**Mais de 200 revistas por apenas
R\$ 22,90/mês.**



GoRead oferece acesso ilimitado a revistas de todos os segmentos. Você pode ler no seu smartphone ou tablet, ou baixar para ler quando quiser, mesmo offline.

GoRead. As melhores revistas em um único app.

EXPERIMENTE
30 DIAS GRÁTIS

Acesse goread.com.br
ou baixe o aplicativo.



LIGAÇÃO É COISA DO PASSADO!



Peça sua água mineral e
PAGUE DIRETO PELO APP!

DISPONÍVEL NAS PLATAFORMAS:

